

É permitido fugir do risco de morte? de M. Lutero:

Práticas culturais em um panfleto da peste no começo da Época Moderna

M. Luther's "Whether One May Flee From A Deadly Plague": Cultural practices in a pest pamphlet in the early modern era



RESUMO

O artigo aborda representações e práticas culturais de enfrentamento individual e coletivo a epidemias no final da Idade Média e início da Época Moderna, analisando discursos veiculados pelos assim chamados panfletos da peste, com destaque para "É permitido fugir do risco de morte?", de autoria de Martinho Lutero, em 1527. Esses discursos ensinam práticas culturais que instruem, moldam e governam corpos, propondo modos de ser e de agir, em uma complexa rede de significados produzidos e negociados. Instituem-se, assim práticas de si, no sentido de conhecer e dirigir o olhar para si, reconhecer os próprios limites e libertar-se do domínio de si mesmo e dos outros, buscando fundamentar a liberdade para um exercício ético e político.

Palavras-chave: Peste - Morte - Cultura - Religião - Martinho Lutero

ABSTRACT

This article addresses representations and cultural practices of individual and collective coping with epidemics in the late Middle Ages and the beginning of the modern era. For this, it analyzes ethical-religious discourses present in so-called pest pamphlets, with emphasis on "Whether One May Flee From A Deadly Plague", written by Martin Luther in 1527. These discourses teach cultural practices that instruct, shape and govern bodies, proposing to the subjects ways of being and acting within a complex network of produced and negotiated meanings. Practices of the self are instituted in the sense of knowing and directing self contemplation, recognizing one's own limits and freeing oneself and others from one's own domain, seeking this way to ground freedom for the ethical and political exercise.

Keywords: Plague - Death - Culture - Religion - Martin Luther

* Doutor em História da Igreja pela Universität Leipzig, Alemanha e pós-doutorado pela mesma instituição. Professor no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Luterana do Brasil. CV: <http://lattes.cnpq.br/2854589063294139>



Em se tratando de epidemias na história da Europa, a chamada *Peste Negra* (1347-1350) recebe um destaque consideravelmente maior do que os surtos epidêmicos em torno do ano 1500, convencionado tradicionalmente na historiografia como o começo da era moderna. Faz sentido, porém, indagar acerca da peste e seu impacto na cultura ocidental de começos da modernidade, se estabelecidos nexos com os desenvolvimentos ocorridos a partir de então, nas sociedades europeias. O renascimento e o movimento humanista tiveram significativa participação nas representações acerca da doença produzidas pela medicina e pela cultura de modo geral, até a descoberta dos agentes infecciosos, com o avanço da microbiologia no final do século XIX. Renasceu, de certa forma, a medicina galênica com sua patologia dos humores e fluidos corporais, muitas vezes combinada com o incremento dos estudos astrológicos (Schipperges, 1990, p. 140 *et seq.*). Girolamo Fracastoro (ca. 1478-1553) promoveu e divulgou o conceito de “contágio”, que influenciou por séculos os debates sobre os modos de infecção.

O corte para a era moderna, contudo, talvez possa ser fundamentado principalmente com base em transições ocorridas no âmbito da religiosidade. A *Peste Negra* medieval trouxe grandes impactos nos séculos XIV e XV, com a expansão de formas e práticas de piedade individual, incremento na veneração de santos e pregações apocalípticas. A Reforma protestante, a partir de inícios do século XVI, também provocou mudanças significativas e promoveu uma rediscussão sobre as formas de gerenciamento de catástrofes. A limitação das práticas de invocação e veneração dos santos, imposta em territórios influenciados pelo protestantismo, acarretou que fiéis gradativamente deixassem de basear suas esperanças, quando de crises por surtos epidêmicos, na invocação e mediação por socorro de santos patronos da peste, a exemplo da Virgem Maria, São Sebastião, São Roque, Santo Antônio e outros (Mauelshagen, 2005, p. 237 *et seq.*).

Uma alternativa metodológica para analisar representações e práticas culturais associadas à peste no final da Idade Média e início da era moderna é constituída pelo recurso a fontes primárias denominadas, desde começos do século XX, de “panfletos ou folhetos da peste” (*Pestflugschriften; Pestflugblätter; Pestflugzettel*, ou simplesmente *Pestschriften; Pestblätter; Pestzettel*), artefatos gerados pela então recentemente desenvolvida e implementada imprensa de tipos móveis (Horanin, 2019; Marr, 2010). Por seu conteúdo, em muitos casos, pode ser constatada a combinação entre discursos médicos e religiosos, sobre corpos e almas em situação de crise epidêmica. Esses discursos refletem conteúdos e modos diversificados de disseminação do conhecimento. Ensinam práticas culturais para além de espaços formais de educação, que instruem, moldam e governam corpos, propõem aos sujeitos modos de ser e agir, segundo uma rede complexa de significados produzidos, negociados e consumidos (Andrade; Costa, 2015, p. 48-55). Desde o começo do século XX, a pesquisa em história da medicina tem compilado e sistematizado centenas de panfletos da peste, produzidos entre os séculos XV e XVI (Sudhoff, 1925). A Bibliotheca Augusta, em Wolfenbüttel, Alemanha, com um acervo de mais de 350 mil impressos do século XV ao XVIII, reúne mais de 300 panfletos e folhetos da peste, publicados neste período (Bulst, 2003, p. 147).

A tecnologia da imprensa de tipos móveis, desenvolvida por Johannes Gutenberg em

1450, expandiu de modo rápido e intenso. Por volta de 1500 havia por toda a Europa, em 260 localidades, mais de 1,2 mil casas de impressão. Entre 1450 e 1500, foram produzidas mais publicações do que em todo o milênio anterior, a grande maioria em latim. Nestas cinco décadas iniciais, as publicações, apesar do incremento e da velocidade das edições, permaneceram como símbolo de status de uma minoria ilustrada. A partir de 1500, há uma mudança sensível neste processo. Os impressores, mesmo sem abandonar a produção de edições eruditas e sofisticadas, passaram a explorar a nova tecnologia para a divulgação de novas ideias e a conquista de novos mercados. Tal situação ocorreu por meio de publicações em apenas uma folha de papel, o folheto (*Flugzettel*, *Flugblatt*), ou em cadernos com poucas páginas, em geral não mais de 30, o panfleto (*Flugschrift*), com textos redigidos em línguas nacionais, que eram lidas em voz alta em locais públicos e, com frequência, ilustrados com gravuras decifráveis pelos analfabetos. Panfletos e folhetos foram catalisadores de uma revolução midiática, ocorrida concomitantemente à irrupção e expansão da Reforma protestante (Arndt; Brandt, 1987).

Entre 1517 e 1530, anos decisivos da fase inicial da Reforma, foram publicados em torno de 10 mil panfletos, com cerca de 10 milhões de exemplares. A educação letrada começou a se transformar gradativamente em um dos pilares centrais de um modelo ideal de humanidade, que poderia ser estendido a estratos subalternos da população. Com os panfletos, tornou-se público e notório em aldeias e, principalmente, em cidades, que era possível formar com as letras latinas as palavras desejadas, a partir delas viabilizando a possibilidade de decifrar um sentido alheio, desconhecido, o que até então era impensável para amplos setores da população. Intelectuais espalharam freneticamente suas mensagens, recorrendo ao novo meio. Adversários do movimento protestante, por sua vez, passaram a combatê-lo com a mesma arma, o panfleto, tornando públicas suas polêmicas e anátemas e, também, reforçando o faturamento dos impressores.

Lutero foi o intelectual mais publicado na primeira metade do século XVI. O número de edições de seus múltiplos textos desde o início do movimento da Reforma, em 1517, até o ano de sua morte, em 1546, alcança o montante de 4 mil. Portanto, foi responsável por cerca de um terço de toda a produção literária em língua alemã no período. Vale também observar que uma parcela considerável dos dois terços restantes é composta por obras dirigidas à questão "Lutero" ou a temas por ele abordados. Especialmente intenso em termos de publicações foi o período no qual surgiu seu panfleto da peste, "*É permitido fugir do risco de morte?*" (1527). A partir da consideração de somente 30 panfletos seus, publicados entre 1517 e 1520, há mais de 370 edições, representando em seu conjunto número superior a 250 mil exemplares. Em 1520, ano de seu lançamento, o panfleto, "*À nobreza cristã de nação alemã, acerca da melhoria do estamento cristão*"¹ teve 13 edições, contando a primeira com quatro mil exemplares. A tiragem média de cada edição dos panfletos de autoria de Lutero girava em torno de 1,5 a 2 mil exemplares. São cifras notáveis, considerando o percentual de mais de 95% da população

¹ LUTERO, Martinho. À nobreza cristã de nação alemã, acerca da melhoria do estamento cristão. In: LUTERO, Martinho. *Obras selecionadas: o programa da Reforma – escritos de 1520*. São Leopoldo; Porto Alegre, 1989. v. 2, p. 279-340.

de analfabetos. "O *Catecismo menor*"² teve 78 edições entre 1529, seu ano de lançamento, e 1546, ano da morte de Lutero. Dentre elas, edições em tradução para o dinamarquês, o francês e o holandês, às quais logo foram seguidas por traduções em outros idiomas europeus (Wolf, 1983).

Figura 1. Capa de *É permitido fugir do risco de morte?*, de M. Lutero, 1ª edição, Hans Lufft, Wittenberg, 1527



FONTE: [Google Livros](#)

Com seu panfleto da peste, o reformador alemão buscou atender inicialmente a um pedido de lideranças religiosas e políticas de Breslau (atualmente Wroclaw, Polônia), na região da Baixa Silésia, assolada pela peste por várias semanas em 1525. A cidade surgiu a partir de um assentamento e mercado fundados por eslavos, em torno do ano 900. Na primeira metade do século XVI, o controle sobre a cidade e a região foi transferido do Reino da Boêmia e Hungria, para a dinastia de Habsburgo. Com cerca de 30 mil habitantes, nos anos 1520, Breslau constava entre as cidades mais representativas em termos populacionais, políticos, econômicos e culturais do centro da Europa. As crônicas da cidade contêm evidências de múltiplos surtos epidêmicos, com destaque para um de peste, em 1632, durante a Guerra dos Trinta Anos (1618-1648), quando tropas dos exércitos da Suécia e da Saxônia ocuparam a cidade e 18

² LUTERO, Martinho. *Catecismo menor*. In: LUTERO, Martinho. *Obras selecionadas: vida em comunidade – comunidade, ministério, culto, sacramentos, visitação, catecismos, hinos*. São Leopoldo; Porto Alegre, 2000. v. 7, p. 325-446.

mil de seus 40 mil habitantes perderam a vida (Mühle, 2015). Coincidentemente, nos meses em que Lutero dedicou-se à escrita do panfleto, foi a vez de Wittenberg e da região serem atingidas por um surto epidêmico. Como panfleto da peste, “*É permitido fugir do risco de morte?*” (Figura 1) dá continuidade a uma tradição consolidada na Europa medieval, renovada pelo incremento tecnológico representado pela imprensa de tipos móveis e reinventada no contexto social, político, cultural e religioso do protestantismo nascente. A primeira edição foi publicada em Wittenberg em novembro de 1527, na gráfica de Hans Lufft, que lançou mais duas edições no mesmo ano.

Ainda em 1527 foram lançadas edições em alemão, por impressores em Nürnberg, Marburg, Magdeburg e Zwickau. Entre o final de 1527 e início de 1528 foram publicadas traduções ao baixo alemão (Hamburg) e ao dinamarquês (Malmö). Dentre as inúmeras edições alemãs posteriores, vale mencionar aquelas de 1552 (Leipzig), 1553 (Marburg e Nürnberg), 1557 (Rostock), 1564 (Wittenberg), 1577 (Ulfen e Wittenberg), 1582 (Dresden), 1609 (Goßlar), 1626 (Erfurt), 1631 (Breslau), 1831 (Hamburg), 1836 (Nördlingen; Figura 2) e 1884 (Schwerin). Seu conteúdo, portanto, foi recebido por múltiplas gerações, o que demonstra um levantamento, ainda que superficial, de numerosas edições e traduções em diversos lugares, às quais por via de regra acompanhavam a manifestação de surtos epidêmicos.

Figura 2. Capa de *É permitido fugir do risco de morte*, de M. Lutero, Nördlingen, 1836



FONTE: [Google Livros](#)

A seguir, passo a refletir sobre aspectos metodológicos e fontes historiográficas, envolvendo a análise de representações de corpo e cultura associadas à peste, na

transição da era medieval à moderna. Em seguida, foram selecionados e traduzidos fragmentos de *É permitido fugir do risco de morte?*, para fins de análise, no que concerne às práticas culturais em contexto de epidemia ali representadas.

Corpos pesteados e almas quebrantadas: a peste no começo da era moderna

Epidemias afetam os corpos das pessoas e o que constitui sua humanidade do modo mais sensível, em razão de seu componente coletivo, social. Tal processo pode ocorrer de duas maneiras. Por um lado, como doenças transmissíveis, ou supostamente transmissíveis, as epidemias se espalham pelo contato interpessoal. A comunicação transforma-se: de fator de entendimento em ameaça. De outro lado, as medidas adotadas para combater epidemias buscam impactar o comportamento coletivo, as relações sociais. Perceber como o próprio corpo no mundo perde, de modo crescente, a interação com outros corpos e objetos, corresponde a uma experiência existencial dolorosa e profunda (Dross, 2020, p. 195).

Pragas são fenômenos patológicos transmissíveis, comunicáveis. O meio “corpo” comunica e compartilha doenças. Adoecer e sentir medo, coletivamente e em massa, acarreta que se fale, escreva, ordene, componha e cante, desenhe, esboce e construa. Representações e teorias sobre a doença transmitida são desenvolvidas, propostas, modificadas, apoiadas, criticadas e condenadas. Com base nelas há uma busca por reorganizar a interação entre os corpos, a fim de excluir a possibilidade de contágio. Abster-se das principais instâncias de socialização conduz a uma crise na comunicação. Com frequência, no caso de doenças que se apresentam como escândalo, a exemplo das epidemias, a percepção coletiva e a comunicação são pouco proporcionais à sua letalidade, de fato. Muitas doenças, das quais as pessoas efetivamente morriam, deixavam de ser mencionadas. Morrer em massa era um fenômeno conhecido por todas as gerações, há meio milênio. A causa mais frequente era a fome, à qual se somavam as epidemias e as guerras (Cunningham; Grell, 2000, p. 3 et seq.).

A história das epidemias não se ocupa das doenças, como o faz a história da medicina, mas de pessoas e coletividades, a partir de documentos e relatos testemunhais referentes a fenômenos de percepção e comunicação, representações e processos identitários associados a vidas massivamente ameaçadas, sequeladas ou abreviadas. Discursos referentes à peste são mediados por comunicação e ressaltam os significados produzidos culturalmente, razão pela qual são relevantes para os corpos envolvidos, sob as condições de uma dupla contingência – contaminar e ser contaminado – e abrangem a praga transmitida como um terceiro e invisível elemento (Dross, 2020, p. 196). No âmbito da Europa central do século XVI, predominavam representações acerca da peste, de corpos quebrantados e almas atribuladas, vinculadas a dois discursos, formulados em estreita reciprocidade: o médico e o religioso. Uma possibilidade de análise desses discursos, das posições assumidas e suas interações no enfrentamento de epidemias é oferecida pelos assim chamados “escritos ou panfletos da peste”. O rápido desenvolvimento da imprensa de tipos móveis, desde meados do século anterior, permitiu sua proliferação, sendo Lutero o escritor mais publicado e lido entre 1517, início da polêmica com

Roma acerca do comércio de indulgências, e 1546, ano de sua morte.

Tarefa precípua da historiografia é investigar o fenômeno da peste em seu contexto específico. Ponto de partida da análise histórica e cultural são especialmente as percepções e representações associadas à doença pelos contemporâneos (Delumeau, 2009, p. 154-220). Metodologicamente, é significativo trilhar uma abordagem que proponha uma investigação da construção social e cultural das epidemias. No caso dos panfletos da peste, de modo geral, o que também se reflete com grande especificidade nos fragmentos do panfleto produzido por Lutero, os quais serão apresentados e analisados a seguir, as diversas práticas culturais narradas, recomendadas ou criticadas revelam a complexa rede de significados produzidos, negociados e consumidos por diferentes sujeitos. A própria doença e seus métodos de prevenção, controle e tratamento são construídos em um processo dinâmico e multifacetado, marcado por interações de atores com suas práticas culturais. De modo geral, estes atores podem ser discriminados em quatro grupos: os enfermos em seu contexto; seus assistentes (mais ou menos “profissionalizados”); autoridades ou instituições políticas, que regulam e impõem medidas de controle ou coerção; e, por fim, os atores “interessados” nas epidemias, que não estão diretamente dedicados ao tratamento e à cura de pacientes, a exemplo de igrejas e outros grupos de interesse.

Os panfletos que propõem pedagogias da peste têm principal origem no protagonismo de agentes do quarto grupo e dizem respeito à interação de práticas culturais com aqueles do segundo grupo. No caso do panfleto da peste, escrito e publicado por Lutero em 1527, um representante do quarto grupo, que no contexto de epidemia interage de modo permanente com os outros três grupos em sua própria cidade (Wittenberg) e território (Eleitorado da Saxônia), recebe uma demanda de autoridades e instituições políticas de Breslau – uma cidade maior e mais representativa do que Wittenberg – por já ter granjeado um destacado e reconhecido papel como liderança intelectual e religiosa, que conquistou a posição de publicista de impacto junto à opinião pública da Europa central, ao longo da década anterior. Os atores operam em relações recíprocas com o meio, no qual especialmente o nível técnico de domínio coletivo sobre a natureza e as condições ambientais de patologias e zoonoses encontram evidência. As práticas culturais e discursivas dos diferentes atores e as variáveis biopolíticas historicamente dadas emolduram um quadro marcado por processos de produção e negociação de significados na relação com a doença (Dinges; Schlich, 1995, p. 8-15).

A sociedade e a cultura, esta compreendida em sentido amplo, determinam como doença e saúde são representadas. A definição e a descrição de doenças com base em evidências científicas, resultantes do trabalho em laboratório ou de pesquisa clínica, a exemplo do que ocorre desde o advento da microbiologia a partir de fins do século XIX, também são uma prática cultural, igualmente sujeita a processos históricos. Na perspectiva da história da ciência, os conhecimentos da medicina moderna correspondem a uma, dentre várias, formas de apropriação e representação da realidade. Narrativas sobre epidemias anteriores aos sistemas médicos microbiológicos não podem ser analisadas a partir de descobertas da medicina contemporânea. Apenas com relativa probabilidade epidemias ocorridas em períodos anteriores à era moderna, denominadas de “peste” ou por sinônimos, podem ser consideradas

idênticas a doenças atualmente descritas e nomeadas de “peste” pela medicina (Horanin, 2019, p. 11).

Crônicas registradas ao longo da Idade Média em cidades da Europa central usam os termos latinos “pestilentia” ou “pestis”, em seus apontamentos, para designar as doenças com altos índices de mortalidade. Recorrem a eles para fazer referência a “epidemias”. Em meados do século XIV, irromperam na Europa surtos epidêmicos, que reduziram notavelmente sua população, e são designados em livros de história contemporâneos como “Morte ou Peste Negra”. Considera-se que o adjetivo “negro” faça referência ao terror existencial difundido pela praga junto às pessoas e, ao mesmo tempo, às manchas escuras na pele, um dos principais sintomas marcadores da doença. Os contemporâneos jamais usaram este termo, que apenas será encontrado em crônicas escandinavas da segunda metade do século XVI. Ampla difusão somente houve a partir do século XIX. No novo alto alemão primevo (Frühneuhochdeutsch), em que foram escritos muitos panfletos da peste aqui referidos, vários termos são empregados em referência à peste, geralmente como sinônimos: pestilentz (pestilência), brechen (quebranto), großes Sterben, sterbensleuffen (morticínio) e grosser tod (mortandade) (Horanin, 2019, p. 25-29).

Na Europa de fins da Idade Média, recorria-se ao conceito de miasma, que designava impureza, maculação ou contaminação. A partir da mácula individual de um corpo seria prejudicada a comunhão entre as pessoas e, principalmente, a comunhão com Deus. Propriedades desfavoráveis do ar respirado constituiriam o ambiente propício e acarretariam o adoecimento de mais pessoas. O contato dos corpos e o contágio mediado pelo ar, assumido como envenenamento, complementavam o quadro. Excrementos, cadáveres empestados e corpos de enfermos maculavam o ar compartilhado nos ambientes. Proibições religiosas de contato entre os corpos eram indissociáveis das teorias médicas em relação ao contágio (Gudermann, 2008, p. 474).

Seja nas teorias pré-modernas relativas ao contágio, que pressupunham sementes de enfermidade plantadas nos corpos, seja nas que sucederam ao surgimento da microbiologia, direcionadas a vírus e bactérias, persistiram representações produzidas em torno ao outro, escondido em corpos estranhos. Uma constante entre as primeiras restrições impostas por políticas públicas foi proibir a entrada de forasteiros na aldeia ou cidade, o que produziria uma identidade de comunidade dos puros (Douglas, 1991, p. 72-95). Evidência material dessa construção identitária foram certidões impressas a partir do século XVI, que atestavam a não procedência de seus titulares de localidades flageladas por surtos epidêmicos. Quase que simultânea ao início dos processos oficiais de emissão ocorreu também a prática de falsificação de tais certidões. Às vésperas da era moderna, de modo geral, as pessoas eram sobreviventes de epidemias. Em média, cada adulto que alcançava 40 anos de idade passava por, no mínimo, dois graves surtos. A historiografia pouco se ocupou, até o momento, deste aspecto (Henderson, 2019, p. 49 et seq.).

É permitido fugir do risco de morte?

Crônicas de cidades da região central do Sacro Império Romano Germânico revelam que, entre o final do século XV e meados do século seguinte, praticamente a cada década grassaram surtos epidêmicos. Wittenberg, onde iniciou a Reforma protestante, apenas no tempo em que Lutero lá residiu, contou com epidemias em 1516, 1527, 1535, 1538 e 1539. Em 1505 há notícia de que um ou dois de seus irmãos morreram de peste em Mansfeld, sua terra natal. Com relação às práticas religiosas associadas à peste, já em 1516 Lutero lançou dúvidas sobre a efetiva existência histórica de São Roque, um dos santos venerados pelos fiéis, e deu impulso inicial a um intenso processo de crítica a ideias e ritos vinculados à invocação de santos (Rieth, 2000, p. 840s). Nesse mesmo ano, quando ainda integrava e supervisionava o mosteiro agostiniano eremita observante em Wittenberg, relatou, de modo vívido, o impacto de um surto epidêmico na cidade e as circunstâncias que demandavam decisões individuais e coletivas.

A partir de meados de 1527, iniciou um surto de peste em Wittenberg, que se estendeu até o final do ano. À época, a cidade possuía cerca de 4,5 mil habitantes, sendo que grandes cidades no Sacro Império Romano Germânico possuíam em torno de dez mil habitantes. Por volta de um terço dos habitantes de Wittenberg eram estudantes (Junghans, 1996, p. 62-64). A universidade foi parcialmente transferida para Jena. Em uma carta, ainda nas primeiras semanas da epidemia, Lutero descreve o quadro:

De fato, a peste principiou por aqui, mas até que tem sido misericordiosa. No entanto, impressionam o medo e a fuga das pessoas [...]. Causa perplexidade. Jamais havia visto tamanha monstruosidade de Satanás. Pois ele aterroriza tanto, sim, ele se alegra tanto em tornar os corações acovardados, isso, é claro, a fim de conseguir dispersar e arruinar esta universidade singular, à qual ele não sem razão odeia mais do que todas as outras. Desde que a peste iniciou até hoje, porém, não houve mais do que 18 óbitos, incluindo quem estava dentro da cidade, somando meninas e crianças. No subúrbio dos pescadores ela foi mais violentamente raivosa. Em nosso bairro, não houve ainda mortes, mesmo que todos os mortos estejam sepultados aqui. Hoje sepultamos a esposa de Thilo Dhene [prefeito municipal], que ontem por alguns momentos não morreu nos meus braços. É o primeiro óbito no centro da cidade. Aqueles 18 sepultamentos aconteceram à minha volta, junto ao portão para o [rio] Elster. Entre eles estava também Bárbara, irmã de Eberhard Brisger, que já era crescida. Que o diga mestre Eberhard! Também a filha de João Grünenberg morreu. [O gráfico e editor] Hans Lufft restabeleceu-se e superou a peste. Muitos outros voltariam a estar saudáveis se tomassem a medicação. Muitos, no entanto, são tão limitados que desprezam a medicação e morrem sem motivo. O filho pequeno de Justo Jonas, João, também morreu. Ele tinha ido para a terra natal com sua família. Eu permaneço. É necessário, por causa deste medo descomunal em meio ao povo. Por isso, apenas [o pároco Dr. João] Bugenhagen e eu estamos aqui com os capelães. [...] Cristo, porém, está aqui, para que não fiquemos sozinhos. Em nós, ele também



*vai triunfar sobre a velha serpente, o assassino e originador do pecado, por mais que ela possa picar seu calcanhar [Gênesis 3.15]. Orem por nós e fiquem bem!*³

O príncipe da Saxônia queria que o próprio Lutero também deixasse a cidade. Mas ele permaneceu, dando sequência às atividades docentes, publicações e, de modo especial, às funções de pregador e cura d'almas. Já há alguns meses tinha problemas de saúde, que o deixaram muito debilitado e sujeito a graves acessos, segundo ele, de angústia espiritual. Em cartas dirigidas a amigos e colegas, Lutero se apresenta como um segundo Jó, pedindo por sua intercessão. A narrativa bíblica do provado e pesteadado Jó, por sinal, marcou profundamente a religiosidade e a teologia medieval acerca das epidemias. Pouco mais de dois meses após a carta a Espalatio, outra carta, desta vez dirigida a Nicolau von Amsdorf, evidencia o agravamento da epidemia:

Graça e paz! Tal como apraz ao Senhor está acontecendo comigo, amado Amsdorf. Eu mesmo, que até o momento tive que consolar a todos, careço de todo consolo. Somente por isso peço, e peças comigo também, que meu Cristo faça comigo o que quiser, apenas me guarde de vir a tornar-me ingrato e um inimigo daquele que até o momento preguei e honrei com tamanho afínco e entranhamento, ainda que o tenha ofendido com muitos e graves pecados. Satanás quer receber um novo Jó [Jó 2.3-6] e peneirar Pedro com os irmãos [Lucas 22.31]. Cristo, porém, dirá a ele: 'Poupe a sua vida' [Jó 2.6] e a mim: 'Sou o teu auxílio' [Salmo 35.3]. Assim, ainda espero que ele não fique eternamente irado com os meus pecados. [...] Minha casa transformou-se aos poucos em um hospital. Ana, esposa de Augustin, contraiu a peste, mas recuperou-se. Margarete von Mochau nos assustou por causa de um abscesso suspeito e outros sintomas, mesmo que também ela recuperou a saúde. Temo demais por minha [esposa] Käthe, às vésperas de dar à luz, pois meu filhinho [João] há três dias está enfermo, nada come e passa mal. Dizem ser a dor do nascimento dos dentes, mas acredita-se que ambos correm grande risco. Isso porque a esposa do capelão Jorge, ela própria prestes a dar à luz, foi acometida da peste e já se tenta de um ou outro modo salvar o bebê. Seja o Senhor Jesus misericordioso em relação a eles. São lutas exteriores e angústias interiores [2. Carta aos Coríntios 7.5], estas deveras amargas. Cristo nos visita. Permanece um consolo, o qual contrapomos ao irado Satanás: ao menos dispomos da palavra

³ Pestis hic ce pit quidem, sed satis propitia est. Sed mirus est hominum pavor & fuga, vt tale monstrum Satane, antea non viderim, adeo terret, imo gaudet, se posse sic corda pauefacere, scilicet vt dispergat & disperdat vnicam istam academiam, quam odit non frustra pre, omnibus aliis. Attamen toto tempore pestis vltra xvij funera vsque in hanc diem non fuerunt, computatis iis, que, intra oppidum fuerunt, puellis, infantibus, & omnibus numeratis simul. In suburbano piscatorium atrocium seuiit, In Suburbano nostro nullum adhuc funus, licet omnia ibi sepeliantur. Hodie Tilonis Deni vxorem sepeliuimus, que, fere inter brachia mea expirauit heria, atque hoc primum funus in media vrbe. Illa xvij funera circum me am Elsterthor habita sunt. Inter que, & Barbara soror Eberhardine, vestre, fuit iam nubilus, Id quod M. Eberhardo dices, Sed & Iohannis Gronebergi filia periit. Hans Lufft resurrexit & vicit pestem ac multi alii resurgunt, si utuntur medicina; Sed tam barbari sunt multi, vt medicinam contemnant, Et moriuntur sine causa. Iusto lone, filiulus Iohannes etiam defunctus est. Ipse cum domo profectus in patriam. Ego maneo, Et necessarium est propter monstrum pauoris istius in vulgo. Itaque Pomeranus & ego hic soli sumus cum Capellanis, Christus autem adest, ne soli simus, qui & triumphabit in nobis serpentem illum serpentem illum antiquum homicidam & peccati artificem, vtcunq; mordeat calcaneum. Orate pro nobis & valete! D. MARTIN LUTHERS WERKE: kritische Gesamtausgabe: Briefwechsel. Band 4, Weimar, 1930-, S. 232 et seq. (Carta de M. Lutero a Georg Spalatio, Wittenberg, 19 de agosto de 1527; são nossas esta e as demais traduções de citações presentes no artigo).

*de Deus para salvar as almas dos crentes, mesmo que ele devore os corpos. Por isso, recomendamos-nos aos irmãos e a ti mesmo, de modo a que suportemos com coragem a mão do Senhor e vençamos o poder e a malícia de Satanás. Seja pela morte ou pela vida [Filipenses 1.20]. Amém. Wittenberg, Dia de Todos os Santos, em memória aos dez anos do esmagamento das indulgências, razão pela qual fazemos agora um brinde, plenamente consolados.*⁴

O medo da praga, que vitimou pessoas do seu círculo de conhecidos, espalhou-se pela cidade e região. Em função do atendimento pastoral, Lutero acompanhou enfermos e moribundos. Do púlpito, além de animar e consolar, orientava e criticava abusos, como da parte de coveiros que exerciam seu ofício embriagados, desrespeitando famílias enlutadas ou de quem abandonava o cônjuge enfermo (Brecht, 1989, p. 205 et seq.).

Uma questão muito discutida em panfletos da peste, desde meados dos século XV, dizia respeito à medida, por vezes desesperada, de fuga de cidades e regiões acometidas por surtos epidêmicos, até que a situação se normalizasse. Fuge cito, vade longe, rede tarde era um ditado lembrado desde a antiguidade. Práticas de fugir logo, para longe e por bastante tempo constavam entre as recomendações, por exemplo, da própria Sorbonne, para circunstâncias envolvendo surtos epidêmicos. A disparidade entre ricos e pobres acentuava-se mais, em tempos de peste, também no que diz respeito à viabilidade de recorrer à fuga. Aqueles, em geral, estavam entre os primeiros a fugir, em razão de maior acesso a informações, agilidade na obtenção de salvo-condutos e certificados de saúde junto às autoridades e melhores condições materiais para deslocamento e sustento fora do lugar de origem. Os pobres, por sua vez, quando recorriam à fuga, tinham por quase certa a consequência de mendicância, como inerente à condição de refugiados (Delumeau, 2009, p. 172 et seq.).

Multiplicavam-se os argumentos do ponto de vista médico-sanitário e, principalmente, ético-religioso. A título de exemplo, o também reformador protestante Andreas Osiander (1498-1552) publicou em Nürnberg, no ano de 1533, Como e para onde um cristão deve fugir da terrível praga da pestilência: pregação baseada no Salmo 91.⁵ Osiander merece destaque por ter sido um dos poucos intelectuais da cristandade europeia no século XVI a defender os judeus contra as recorrentes acusações de que causariam a peste nas cidades pelo

⁴ Gratiam et pacem! Sicut Domino placet, ita fit, mi Amsdorfi, ut ego, qui alios hactenus omnes consolari solebam, ipse consolationis omnis indigus sim. Unum hoc peto, tuque petes mecum, ut Christus meus faciat mecum quod placuerit, tantum servet, ne ingratus et hostis eius fiam, quem tanto studio et fervore hactenus praedicavi et colui, licet interim non sine peccatis multis et magnis eum offenderim. Satan petit sibi dari denuo lob aliquem, et cribrare Petrum cum fratribus; Christus autem dignetur ei dicere: Animam eius serva, et mihi: Salus tua ego sum, sicut adhuc spero, quod non irascetur peccatis meis in finem. [...] In domo mea coepit esse hospitale. Hanna Augustini pestem intrinsecus aluit, sed resurgit. Margaretha Mochinna suspecto apostemate et aliis signis nobis timorem peperit, quamquam et ipsa revalescit. Valde metuo Kethae meae partui vicinae, nam et filiulus meus iam triduo aeger nihil edit et male habet; dicitur esse violentia dentium, et creditur utrumque esse in tanto periculo. Nam Georgii Capellani uxor et ipsa vicina partui peste correpta iam exercetur, si quomodo infans redimi possit; Dominus Ihesus adsit illi misericorditer. Sic sunt foris pugnae, intus pavores, satisque asperae, Christus nos visitat. Unum solatium est, quod Satanae furentib opponimus, scilicet verbum saltem. Dei nos habere, pro servandis animabus credentium, utcunq corpora devoret. Proinde nos fratribus commendes et tibi ipsi, ut pro nobis oretis, ut feramus fortiter manum Domini, et Satanae vim et dolum vincamus, sive per mortem, sive per vitam, Amen. Wittenbergae die Omnium Sanctorum, anno decimo Indulgentiarum conculcatarum, quarum memoria hac hora bibimus utrinque consolati. D. MARTIN LUTHERS WERKE: kritische Gesamtausgabe: Briefwechsel. Band 4, Weimar, 1930- , p. 275 (Carta de M. Lutero a Nicolau von Amsdorf, Wittenberg, 1º de novembro de 1527).

⁵ OSIANDER, Andreas. *Wie vnd wohin ein Christ die grausame[n] plag der pestilenz fliehen soll: ein predig, aus dem 91. Psalm.* Nürnberg, 1533. Disponível em [Google Livros](#).

envenenamento deliberado das fontes e do ar (Rieth, 1993). Tal atitude acarretou frequentes e terríveis pogroms, além de ter justificado o isolamento dos judeus em guetos desde a Idade Média, sendo referencial o caso de Veneza (Sennett, 2008, p. 219-258). Também por volta de 1535, em Augsburg, o médico Adolf Occo viria a publicar um panfleto, com sucessivas edições, intitulado Que é a pestilência com suas causas e medicinas: breve refutação de algumas insanidades grosseiras, inventadas e difundidas em Augsburg em contrariedade a escritos antigos e fundadas razões (Figura 3).⁶

Figura 3. Capa de Que é a pestilência com suas causas e medicinas..., de Adolf Occo, Augsburg, ca. 1535



FONTE: Acervo Bayerische StaatsBibliothek digital

Muito influente foi o escrito do cirurgião, alquimista e botânico alsaciano Hieronymus Brunschwig (1450-1512), intitulado Livro sobre a peste da epidemia de envenenamento, em geral chamada de mortandade das glândulas linfáticas⁷, publicado em 1500 e ricamente ilustrado. A exemplo de outras publicações suas, o principal objetivo era disponibilizar orientações práticas e conselhos às pessoas leigas, para que pudessem dar assistência a si próprias, a familiares

⁶ OCCO, Adolf. Was die Pestilentz an jr selbs sey mit jren Ursachen und Ertzneyen; mit kurtzer Widerlegung etlicher grober einfällender Jrsal, so sich bey uns wider der alten Schrifft und gegründte Ursachen zutragen Augspurg [ca. 1535] [VD16 W 1247]. Acervo: Bayerische StaatsBibliothek digital. Disponível em: <https://download.digitale-sammlungen.de/BOOKS/download.pl?id=bsb10166405>.

⁷ BRUNSCHWIG, Hieronymus, Liber pestilentialis de venenis epidimie. Das buch der vergift der pestile[n]tz das da gena[n]t ist der gemein sterbent der Trüsen Blatren. Strassburg, 1500. Acervo: [Library of Congress](https://www.loc.gov/congress/) (Feuerstein-Herz, 2005).

e a vizinhos em situações de epidemia. Como evidências médicas do contágio pela peste, Brunschwig listou cinco sintomas principais: febre alta e calafrios, mau hálito, sede excessiva e boca ressecada, elevada taquicardia e abscessos no pescoço, atrás das orelhas, nos braços e nas pernas, na região da virilha. Uma das ilustrações apresenta um enfermo em seu leito, com o tórax desvestido, que sinaliza a três assistentes os sintomas exteriores de sua doença (Figura 4). A palma da mão direita está para cima, revelando o lado interno do braço, e a mão esquerda aponta para a axila direita. Desta forma são representados os bubões, marcas características da infecção pela peste.

Figura 4. Gravura de Liber pestilentialis de venenis epidimie, de Hieronymus Brunschwig, Strassburg, 1500



FONTE: Acervo Herzog August Bibliothek (Feuerstein-Herz, 2005)

A pedido do pároco João Hess e demais ministros religiosos da cidade de Breslau, que estava sob o flagelo da peste, Lutero escreveu o panfleto *É permitido fugir do risco de morte?*. Hess havia atuado desde 1523 na introdução da Reforma em Breslau, que logo viria a tornar-se majoritariamente protestante, situação que perdurou até 1945, quando a cidade e a região foram incorporadas ao território da Polônia. Lutero principia a escrita em fins de julho de 1527,

mas demorou a finalizá-la, em razão de várias interrupções, que ficam evidentes ao longo do texto. Provavelmente, concluiu apenas em meados de novembro. As diferentes etapas da escrita correspondem, portanto, a distintas fases e ao agravamento da epidemia em Wittenberg, onde Lutero atuava. Ele ponderou acerca de diversos aspectos, indicando com frequência a necessidade de buscar equilíbrio no pensar e no agir. A posição pela qual a fé impediria alguém de fugir da epidemia, por ser esta castigo divino, embora elogiável, não poderia ser imposta aos débeis na fé. Ocupantes de funções públicas e religiosas, além de médicos e demais pessoas dedicadas ao cuidado da saúde da população, seguramente não poderiam deixar a cidade:

Resumindo, de forma breve e exata: fugir da peste e da morte tem ocorrido de duas maneiras: a primeira, contra a palavra e o mandamento de Deus. Por exemplo, quando alguém está comprometido por causa da palavra de Deus e a nega ou rejeita, a fim de fugir do risco de morte. Neste caso, cada qual tem uma ordem e mandamento de Cristo, de que não deve fugir, mas preferivelmente deve morrer [segundo Mateus 10.33 e 10.28]. [...] Da mesma forma, aqueles que ocupam um ministério religioso, como pregadores e cura d'almas, têm o compromisso de estar e permanecer em emergências com risco de contaminação pela peste e morte. [...] Pois, durante a peste, o ministério religioso é o que se faz mais necessário, a fim de que as consciências sejam fortalecidas e consoladas com a palavra de Deus e o Sacramento, e a morte seja superada na fé. Entretanto, se há muitos pregadores disponíveis e se chegar a um consenso de que alguns podem se resguardar, uma vez que não há necessidade de correrem risco, penso não haver pecado em fazê-lo, porque o ofício será suficientemente atendido e eles, em caso eventual de necessidade, permanecerão dispostos e prontos a atuar. [...] A seguir, também têm obrigação de permanecer aqueles que ocupam ofícios públicos, como prefeitos, juizes e semelhantes. [...] Pois é um pecado muito grande deixar toda uma comunidade, à qual alguém tem o mandato de prover, sem cabeça e governo, correndo todo tipo de risco, como fogo, assassinato, rebelião e todo tipo de desastre, que o diabo pode promover, pois não há ordem estabelecida. [...] Apesar de tudo, se, por grande debilidade, fugirem, devem tomar o cuidado de colocar em seu lugar administradores em número suficiente, para que a comunidade seja bem provida e protegida, como dito acima, e com diligência investiguem e supervisionem para que tudo ande da melhor forma.⁸

Logo em seguida, Lutero acrescenta que, de igual modo, isso vale reciprocamente para empregados e patrões, pais e filhos, amigos, bem como vizinhos:

⁸ Und das wirs kurtz und eigentlich fassen: sterben und tod fliehen mag geschehen zweyerley weise. Das erst, so es geschicht widder Gottes wort und befeh, Als nemlich, Wo yemand umb Gotts wort leucket odder widder rieffe. Jnn solchem fal hat yederman einen offentlichen befeh und gebot von Christo, das er nicht fliehen, sondern lieber sterben sol [...] Dasselbigen gleichen die, so ym geistlichen ampt sind, als prediger und seelsorger, sind auch schuldig zu stehen vnd bleiben ynn sterben vnd tods noten[...] Denn es gar eine grosse sunde ist, Ein gantze gemeine, die yemand zu versehen befolhen ist, so lassen on hewbt und regiment sitzen ynn aller fahr, als ist Fewr, Moerder, Auffrur und allerley unfal, das der teuffel moecht zurichten, weil kein ordnung da ist. [...]. Fliehen sie aber ja fuer grosser schwachheit, das sie zu sehen und stellen an yhre stat gnugsame verwalter, damit die gemeine wol versehen und verwaret sey, wie droben gesagt ist, Und vleissig darnach forschen und drauff sehen, das also gehe. LUTHER, Martin. Ob man vor dem Sterben fliehen möge. In: D. MARTIN LUTHERS WERKE: kritische Gesamtausgabe. Bd. 23 Weimar, 1883-, p. 340-342.

Na ausência ou indisponibilidade dos pais, os tutores e pessoas do círculo de amizade mais próximo têm o dever de permanecer com seus amigos, ou devem pelo menos cuidar com diligência para que alguém os substitua na assistência aos amigos enfermos. Sim, nenhum vizinho pode fugir, se não houver pessoas que assistam e cuidem dos enfermos em seu lugar. Nesses casos, vale temer acima de tudo a palavra de Cristo em Mateus 25.43: 'Estive enfermo e não me fostes visitar...' Por esta palavra estamos todos ligados, de modo que ninguém pode abandonar o outro em sua necessidade, mas tem o compromisso de estar a seu lado e ajudá-lo, da mesma forma como gostaria de ser ajudado.⁹

A fuga do risco de contágio e morte, bem como outras práticas culturais de significação e enfrentamento da peste, simultaneamente, podem ser analisadas mediante o recurso à noção de cuidado de si, presente na tradição filosófica greco-romana antiga e com fortes raízes no pensamento cristão. Esta é parte de uma prática da espiritualidade pela qual a verdade não corresponde a algo dado por direito pleno ao sujeito, um mero ato de conhecimento. A partir do cuidado de si, o sujeito deve modificar-se, transformando-se em outro diferente de si próprio. Somente assim teria acesso à verdade. Condição para alcançar a verdade, que torna legítimas as práticas de si, é a transformação do sujeito pelo amor, que vem até ele e o ilumina, e pela ascese, correspondente a um labor de si próprio, que torna o sujeito responsável por seus pensamentos e ações (Foucault, 2010, p. 301-303). As práticas de si no sentido de conhecer e dirigir o olhar a si próprio, reconhecer os próprios limites e libertar-se do domínio de si mesmo e dos outros fundamentam a liberdade para o exercício ético, político e comprometido com a cidadania. Deste modo, o cuidado de si vincula-se às práticas de liberdade no cotidiano, ao exercício da política e à transformação do sujeito pela composição de modos de vida e regramento de condutas (Foucault, 2006, p. 268-270).

Afora casos assim, o esforço por preservar a própria vida é da natureza humana, podendo também se refletir na busca por melhor tratamento médico. Lutero fundamenta esta posição a partir de diversos exemplos bíblicos e aplica uma hermenêutica que procura diferenciar entre os governos ou regimes, espiritual e secular. Seus posicionamentos éticos em relação a questões jurídicas, políticas, econômicas e educacionais são desenvolvidos da mesma forma. Tais governos ou regimes correspondem a modos de governo do mundo, por Deus. Ambos apontam um mesmo objetivo: libertar o mundo da ruína e da destruição, decorrentes da maldade e da injustiça. Haveria o governo espiritual, da mão direita de Deus, e o governo secular, de sua mão esquerda. Aquele estaria direcionado ao "fazer cristãos", à busca por fazer com que as pessoas, por meio do Espírito Santo, sejam trazidas ao reino de Cristo. Já o governo secular estaria dirigido à proteção contra danos provocados por gente perversa.

⁹ Denn wo sonst kein eldern sind, da sind auch die fur muenden und nehiste freundschaft bey yhren freunden zu bleiben schueldig, odder yhe mit vleis verschaffen, das an yhre stat andere seyen, die yhre krancken freunde versorgen. Ja es kan kein nachbar vom andern fliehen, wo sonst nicht sind die der krancken muegen an yhre stat warten und pflegen. Denn ynn Matth. 25,43 diesen fellen ist allerdinge der spruch Christi zufurchten: 'Ich bin kranck gewesen und yhr besucht mich nicht' etc. Aus welchem spruch wir alle sind aneinander verbunden, das keins das ander lassen sol ynn seinen noeten, sondern schueldig ist yhm beyzustehen und helfen, wie er wolt yhm selber geholffen haben. LUTHER, Martin. Ob man vor dem Sterben fliehen möge. In: D. MARTIN LUTHERS WERKE: kritische Gesamtausgabe. Bd. 23 Weimar, 1883-, p. 345.

Seu objetivo seria garantir a paz exterior. Por intermédio de ambos os governos, Deus torna possível a vida no mundo (Beyer, 1983, 95 et seq.).

Esta distinção entre dois governos foi apresentada por Lutero de modo exemplar, três anos antes de seu panfleto sobre a peste, em *Da autoridade secular*, até que ponto se lhe deve obediência.¹⁰ Escreveu esse tratado motivado pelo fato de o duque Jorge da Saxônia, o Barbudo (1471, 1500-1539), ter proibido a circulação do Novo Testamento em língua alemã, traduzido por Lutero em 1522, em seu território. O governo secular de Deus, expõe ali Lutero, não serve somente para abrir espaço à vida humana em meio ao caos do mundo, a fim de que se chegue ao bem-estar social. A função do governo secular, de estabelecer e preservar a paz, está relacionada com a função do governo espiritual, de edificar o reino de Cristo. Não se trata meramente de uma espécie de relação entre a igreja constituída e os instrumentos de poder da autoridade civil. A relação entre o governo secular e o governo espiritual, os dois modos pelos quais Deus exerce seu domínio, se dá com base no objetivo comum de trazer ordem ao mundo que o diabo quer arruinar.

Segundo Lutero, ainda que uma coletividade inteira seja nominalmente “cristã sempre haveria aquelas pessoas que, sob uma fachada piedosa, abusariam da liberdade cristã. Por serem movidas pela injustiça, não compreenderiam o significado de estar no reino de Cristo”. Assim, foi estabelecido o governo secular, a espada, para reprimir a injustiça e a violência e para proteger e promover a vida:

Quando não houver necessidade e estiverem disponíveis pessoas suficientes para cuidar e assistir (seja devido a seu dever de ofício, vontade, ou designados pela providência dos frágéis na fé), quem não for necessário, ou acima de tudo a quem os enfermos não quiserem, rejeitarem, então considero que há a liberdade para decidir entre fugir ou permanecer. Se alguém for corajoso e forte na fé, que fique em nome de Deus. Por certo, não peca por causa disso. Se alguém for fraco e temeroso, que fuja em nome de Deus, pois o faz sem negligenciar seu dever perante o próximo, mas viabiliza sua assistência e manutenção. Fugir da peste e da morte e salvar a vida é algo natural, implantado por Deus e não proibido, caso não aconteça contra Deus e o próximo. [...] Portanto, suprir nossa alimentação, vestuário e todas as necessidades com o suor do nosso rosto (Gênesis 3.19) não é proibido, antes ordenado, bem como evitar danos e necessidade, sempre que pudermos e tal não ocorra com prejuízo e desvantagem em relação ao amor e ao dever para com o nosso próximo. Quanto mais justo é, então, que se busque preservar a vida e fugir à morte, caso não houver desvantagem para o próximo, considerando que o corpo e a vida são mais do que o alimento e a vestimenta, como ensina o próprio Cristo (Mateus 6.25). Caso uma pessoa seja tão forte na fé, podendo de livre vontade sofrer por nudez, fome e necessidade, sem tentar a Deus com isso, mas não queira desvencilhar-se desta condição, mesmo podendo, também ela siga seu caminho, mas não condene a quem não faz ou

¹⁰ LUTERO, Martinho. *Da autoridade secular, até que ponto se lhe deve obediência*. In: LUTERO, Martinho. *Obras selecionadas: Ética – fundamentação da ética política, governo, guerra dos camponeses, guerra contra os turcos, paz social*. São Leopoldo; Porto Alegre, 1996. v. 6, p. 79-114.



pode fazer o mesmo.¹¹

Lutero descreve situações variadas, passíveis de ocorrer quando comunidades são afligidas por surtos epidêmicos. Sua reflexão se dá a partir dos limites do corpus christianum, uma sociedade na qual princípios e valores cristãos são constituintes da coisa pública. A formulação de juízos éticos para fundamentar práticas e ações em uma realidade determinada pela peste é sugerida na forma de uma prece a Deus. Trata-se de uma interlocução com quem, em última instância, está na origem do surto epidêmico, em razão de sua permissão ao ataque diabólico como intermediação do castigo divino:

Cada pessoa coloque seu coração segundo a circunstância em que se encontra. Caso esteja vinculada a uma função, devendo permanecer onde vive sob risco de morte para servir a seu próximo, então deve encomendar-se a Deus e dizer: Senhor, estou em tuas mãos. Tu me ligaste a esta função, seja feita a tua vontade. Pois sou tua pobre criatura. Aqui podes me matar ou preservar, do mesmo modo se eu estivesse sujeito a incêndio, inundaçã, estiagem ou outro perigo. Caso esteja livre e possa fugir, então se encomende novamente a Deus e diga: Senhor Deus, sou fraco e temeroso, por isso fujo do mal e faço o máximo possível para me proteger. Da mesma forma, porém, estou em tuas mãos. Que neste e em todo mal que me sobrevier seja feita a tua vontade. Pois minha fuga de nada serve, uma vez que mal e perigo estão por todo lado, já que o diabo não faz festa e não dorme, por ser um assassino desde o princípio, o qual por todo o lado nada provoca senão assassinato e calamidade.¹²

Em articulação com sua hermenêutica dos dois governos ou regimes, Lutero também vislumbra a ação de Deus, sendo as pessoas seus instrumentos, voltados à preservação e promoção da vida, recorrendo a conceitos como estamento (Stand, ordo), ofício (Amt, officium,

¹¹ Wo aber solche not nicht ist und sonst gnug fur handen sind, die da warten und versorgen, Es sey durch yhr eigen pflicht odder wilkoere odder durch der schwachgleubigen verschaffung bestellet, das man yhr nichts dazu bedarff, Und zuvor, so es die krancken nicht haben wollen, sondern wegern, Da acht ich, sey es frey beyde zu fliehen und zu bleyben. Ist yemand so keck und starck ym glauben, der bleibe ym namen Gottes: Er sundigt freylich dadurch nicht. Ist aber yemand schwach und furchtig, der fliehe ynn namen Gottes, Weil er solchs thut on nachteil seiner pflicht gegen seinem nehisten, sondern mit gnugsamer erstatunge durch andere versorget und bestellet. Denn sterben und tod zufliehen und das leben zurretten ist naturlich von Gott eingepflantz und nicht verboten, wo es nicht widder Gott und den nehesten ist. [...] Ists doch nicht verboten, sondern viel mehr geboten, das wir ym (1. Mose 3,19) schweis unsers angesichts unser teglich narunge, kleidung und allerley notdurfft suchen und schaden odder not meyden, wo wir koennen, so ferne solchs geschehe on schaden odder nachteil der liebe und pflicht gegen unsern nehesten: Wie viel billicher ists denn, das man das leben suche zu erhalten und den tod fliehe, wo es sein kan on nachteil des nehesten. Sintemal leib und leben (Matth. 6, 25) ja mehr sind denn speyse und kleider, wie Christus selbs sagt Matth. 5. Ist aber yemand so starck ym glauben, das er williglich blosse, hunger und not leiden kan on Gotts versuchen, und sich nicht wil eraus erbeiten, ob er wol kuende, der fare seines wegese auch, und verdamme die nicht, die solchs nicht thun odder nicht thun koennen. LUTHER, Martin. Ob man vor dem Sterben fliehen möge. In: D. MARTIN LUTHERS WERKE: kritische Gesamtausgabe. Bd. 23 Weimar, 1883- , p. 345 et seq.

¹² Auff das ein iglicher sein hertze also richte: Erstlich ist er gebunden, das er mus ym sterben bleiben seinem nehesten zu dienst, so befelh er sich Gott und spreche: Herre, [Luc. 11, 2] ynn deiner hand bin ich, du hast mich hie angebunden, Dein wille geschehe, Denn ich bin dein arme Creatur. Du kanst mich hieryn todten und erhalten so wol, als wenn ich etwa ym fewr, wasser, durst odder andere ferlickeit angebunden were. Ist er aber los und kan fliehen, So befelh er sich abermal und spreche: Herr Gott ich bin schwach und furchtsam, Drumb fliehe ich das ubel und thu so viel dazu, als ich kan, das ich mich da fur huete. Aber ich bin gleichwol ynn deiner hand ynn diesem und allerley ubel, so mir begegen mugen, Dein wil geschehe, Denn meine flucht wirds nicht thun, Sintemal eitel ubel und unfal allenthalben ist. Denn der teuffel feyret und schlefft nicht, welcher ist ein morder von anfang und sucht allenthalben eitel mord und ungluck an zurichten. LUTHER, Martin. Ob man vor dem Sterben fliehen möge. In: D. MARTIN LUTHERS WERKE: kritische Gesamtausgabe. Bd. 23 Weimar, 1883- , p. 350.

ministerium), vocação, ou profissão (Beruf, vocatio). Mediante tais conceitos, ele designa modos de comportamento no mundo. Haveria uma pluralidade de estamentos, agrupados em três estamentos básicos: o eclesiástico (Predigtamt, ecclesia), o político (Obrigkeit, politia) e o econômico (Haushalt, oeconomia). Dessa forma, ele descreve e propõe formas de ação e práticas em âmbitos da realidade social e política, mediante as quais as pessoas operam junto à coletividade e a partir das quais, de certa forma, poderiam organizá-la. Estamentos não seriam propriamente castas, nas quais se nasce e permanece por toda a vida. Em tese, as pessoas estariam posicionadas em todos os estamentos, mas publicamente cada qual se reconheceria ligada de forma especial a um ou a alguns estamentos. Há uma complementaridade entre as noções de governo e estamento para Lutero. Os governos secular e espiritual permaneceriam como os únicos modos de Deus realizar seu domínio, nos quais ele utiliza as pessoas nos respectivos estamentos como meios e canais. Também nesses termos deveria ser interpretada e enfrentada pelas pessoas e coletividades a situação extrema de um surto epidêmico, a exemplo do que se verificou em Wittenberg e em Breslau em 1527 (Beyer, 1983, p. 98 et seq.).

Segundo Lutero, se alguém vive e enfrenta a doença amparado pela fé, não significa que deva evitar medidas de prevenção ou tratamento. O compromisso de auxiliar enfermos, porém, é incontornável. Considerando que os hospitais, quando há crises epidêmicas, não têm capacidade suficiente, em face do número elevadíssimo de enfermos, seu entendimento é que pessoas que pautam sua vida segundo a fé cristã deveriam verdadeiramente tornar-se administradores e assistentes hospitalares voluntários, segundo sua necessidade, pois do contrário perderiam a bem-aventurança e a graça de Deus. A peste deveria ser entendida como castigo divino, uma provação para a fé. Neste sentido, Lutero acompanha uma longa tradição no pensamento cristão. O medo e o pânico em relação à peste deveriam ser vistos como obra diabólica e enfrentados. No caso, a confrontação seria diretamente com o diabo, que busca afastar a pessoa de Deus. A argumentação bíblico-teológica se desenvolve em integração com a explicação médica contemporânea para a origem da doença infecciosa e o modo de contágio:

Seria ótimo, louvável e cristão se, onde há governo secular em cidades e territórios, sejam mantidos lares e hospitais, com responsáveis que os administrem e assistam, e para os quais possam ser levados todos os doentes que estão em suas casas (tal como fizeram nossos antepassados com tantas fundações, hospitais e sanatórios), a fim de que cada cidadão não precise manter um hospital em sua casa. Para tal finalidade, seria justo que todos doassem substancialmente e auxiliassem, em especial as autoridades. Porém, como não é assim, pois apenas em poucos lugares isso ocorre, precisamos realmente nos tornar curadores hospitalares e cuidadores uns dos outros, sob o risco de perdermos a bem aventurança e a graça de Deus [Mateus 22.39 e 7.12].

[...]

Quando a peste vem, aqueles que permanecemos, devemos nos fortalecer e consolar, em especial os que estamos reciprocamente ligados, que não nos abandonemos e fuçamos uns dos outros. Primeiramente, estejamos certos de que se trata de um castigo enviado por Deus, não apenas para punir o pecado, mas também para provar nossa

fé e amor. A fé, a fim de vermos e experimentarmos como queremos nos posicionar em relação a Deus. O amor, por outro lado, para que observemos como queremos nos posicionar em relação ao próximo. Na minha opinião, toda pestilência é trazida para junto das pessoas por espíritos malignos, a exemplo também de outras pragas, para envenenar o ar, que sopram sobre nós um hálito maligno, disparando com isso sobre a carne venenos mortais. Ainda assim, trata-se de consentimento e castigo divinos, aos quais devemos nos submeter com paciência e pelos quais somos movidos a colocar nossa vida em risco pelo serviço ao próximo, como ensina e diz 1 João 3.16.

[...]

Fidelidade a Deus nada mais é senão culto a Deus. Culto a Deus ocorre, de fato, quando se serve ao próximo. A experiência também evidencia que aqueles que se põem a serviço dos enfermos com amor, devoção e seriedade, em geral são protegidos. Mesmo que sejam infectados, isso não lhes causa dano. [...] No entanto, não causa surpresa que, quem assiste um doente por motivo de ganância ou para ter parte em uma herança, buscando apenas o próprio interesse através de sua obra, seja ao final infectado e contaminado, vindo a passar por um revés e até mesmo a morrer, antes que se aposses do bem ou herança.¹³

Prestar assistência aos infectados corresponde ao legítimo culto a Deus, trazendo consigo uma grande promessa. Na verdade, o próprio Deus é o enfermeiro e médico, ao contrário de médicos e boticários, que comparativamente a ele nada são. Segundo Lutero, tal posicionamento faria com que as pessoas se poupassem do medo dos abscessos e do contágio, e fossem consoladas. Quem assiste os enfermos encontra neles o próprio Cristo. A prática fundamentada na fé coloca a preservação, o cuidado e a priorização do corpo do próximo como principal referência para o agir. Porém, não significa que as pessoas devam ser descuidadas, desafiando o contágio e a doença. Medicação e higiene são obrigatórios. Infectados e convalescentes devem apartar-se de quem está saudável.

Lutero desenvolve aqui, na especificidade da ação relacionada à peste, elementos do modelo ético presentes em seus tratados clássicos de fundamentação da ética, por exemplo,

¹³ Wol war ists, wo ein solch stadlich regiment ynn stedten und landen ist, das man gemeine heuser und spital kan halten und mit leuten, die yhr warten, versorgen, da hin man aus allen heusern alle krancken verordenete: wie denn unser vorfaren freylich solchs gesucht und gemeinet haben mit so viel stifften, spitalen und siechheusern, das nicht ein iglicher buerger ynn seinem hause must ein spital halten; das were wol fein, loeblich und Christlich, da auch billich yderman mildiglich zu geben und helffen solte, sonderlich die oeberkeit. Wo aber das nicht (als denn an wenig oerten) ist, Da müssen wir fur war einer des andern spital meister und pfleger sein ynn seinen noeten bey verlust der selickeit und Gottes gnaden. [...] Wo nu das sterben hinkomet, da sollen wir so do bleiben, uns rusten vnd troesten, sonderlich das wir aneinander verbunden sind (wie droben erzelet ist) das wir uns nicht lassen koennen noch fliehen von einander. Erstlich damit, das wirs gewis sind, Es sey Gottes straffe, uns zugeschickt, nicht alleine die sunde zu straffen, sondern auch unsern glauben und liebe zuversuchen. Den glauben, auff das wir sehen und erfaren, wie wir uns gegen Gott stellen wollen, Die liebe aber, auff das man sehe, wie wir uns gegen den nehesten stellen wollen. Denn wie wol ich achte, das alle Pestilentz durch die boesen geister werden unter die leute gebracht gleich wie auch andere plagen, das sie die lufft vergifften odder sonst mit einem boesen odem anblasen und da mit die todliche giffit ynn das fleisch schiessen, So ists doch gleichwol Gotts verhengnis und seine straffe, der wir uns mit gedult untergeben sollen, und unserm nehesten zu dienst also unser leben ynn die fahr [1. Joh. 3, 16] setzen. [...] Gottselickeit ist nicht anders denn Gotts dienst, Gotts dienst ist freylich, so man dem nehesten dienet. Es beweiset auch die erfahrung, das die so solchen krancken dienen mit lieb, andacht und ernst, das sie gemeyniglich behuetet werden. und ob sie gleich auch vergifft werden, das yhn dennoch nicht schadet. [...] Wer aber eins krancken wartet umb geitzs und erbeit willens und sucht das seine ynn solchem werck, da ists auch nicht wunder, das er zu letzt vergifft werde und beschmeist, das er hinnach fare und auch sterbe, ehe denn er das gut odder erbe besitze. LUTHER, Martin. Ob man vor dem Sterben fliehen möge. In: D. MARTIN LUTHERS WERKE: kritische Gesamtausgabe. Bd. 23 Weimar, 1883- , p. 352-358.

*Das boas obras*¹⁴ e *Tratado sobre a liberdade cristã*,¹⁵ ambos de 1520, ou que seriam retomados, em seguida, no *Catecismo menor*¹⁶ e no *Catecismo maior*,¹⁷ ambos de 1529. Para ele, o tema da ética está estreitamente vinculado à compreensão da justificação da pessoa crente por graça e fé, no âmbito da relação entre fé e obras. A fé que justifica a pessoa perante Deus conduz a uma prática viva e ativa. A fé é fonte de todas as coisas boas, o primeiro princípio de todas as boas obras. A fé torna as obras boas, pois a partir dela nasce o amor, um fruto que é o cumprimento da lei. A fé libera as obras de uma finalidade salvífica, tornando-as boas por si só, obras não instrumentalizadas em função da redenção individual, mas boas obras na prática. A fé é a árvore que produz as boas obras. Tendo em vista a justificação perante Deus, a fé deveria ser diferenciada, mas não separada das obras. Quanto à sua prática, a fé se expressaria por meio das obras. A exemplo de modelos éticos moralistas, a fé também objetivaria a prática da justiça civil. Em contraposição, porém, procuraria viver a partir da lei já cumprida por Cristo. No governo secular, na economia e na política, a pessoa, crente ou não, é cooperadora de Deus, na continuação e preservação da criação. Em *É permitido fugir do risco de morte?*, Lutero direciona este modelo para a tomada de posição e formulação de juízo ético em relação à circunstância específica da peste e práticas sociais e culturais a ela associadas:

Eis minha exortação e consolo contra a fuga vergonhosa e o terror mediante os quais o diabo nos tenta contra o mandamento de Deus em relação a nosso próximo, quando se peca para um lado. Contrariamente, alguns pecam por demais para o lado oposto, são atrevidos e descarados quando tentam a Deus e são negligentes por completo enquanto deveriam prevenir a mortalidade e a peste. Desprezam o uso de medicação e não evitam lugares e pessoas que tiveram a peste e dela se recuperaram, mas jogam e brincam com elas, querendo com isso comprovar sua esperteza. Dizem que, por ser castigo de Deus, caso ele queira proteger, então o fará sem medicamentos e sem esforço humano. Isso não significa confiar em Deus, mas tentar a Deus. Pois Deus criou a medicina, os medicamentos e concedeu a razão para que exerçam a prevenção em relação ao corpo e cuidem dele, para que seja saudável e viva.

Quem não recorre à medicina, quando estiver à sua disposição e puder ser empregada sem prejuízo ao próximo, degrada o próprio corpo e sujeita-se a que Deus o tenha como assassino de si mesmo. [...] Quem degrada o próprio corpo deste modo e não se previne tanto quanto possível em relação à peste, age até mesmo pior [do que se rejeitasse alimentação, vestuário e abrigo]. Isso porque também pode contaminar e infectar a muitos, que, do contrário, permaneceriam vivos, caso ele, em conformidade com sua obrigação, desse a devida atenção ao próprio corpo. Tal atitude faz dele culpado pela morte do próximo e múltiplas

¹⁴ LUTERO, Martinho. *Das boas obras*. In: LUTERO, Martinho. *Obras selecionadas: o programa da Reforma – escritos de 1520*. São Leopoldo; Porto Alegre, 1989. v. 2, p. 100-170.

¹⁵ LUTERO, Martinho. *Tratado [...] sobre a liberdade cristã*. In: LUTERO, Martinho. *Obras selecionadas: o programa da Reforma*, v. 2, p. 436-460.

¹⁶ LUTERO, Martinho. *Catecismo menor*. In: LUTERO, Martinho. *Obras selecionadas: vida em comunidade – comunidade, ministerio, culto, sacramentos, visitação, catecismos, hinos*. São Leopoldo; Porto Alegre, 2000. v. 7, p. 447-470.

¹⁷ LUTERO, Martinho. *Catecismo maior*. In: LUTERO, Martinho. *Obras selecionadas: vida em comunidade*, v. 7, p. 325-446.

vezes assassino diante de Deus. O modo de agir de gente assim é como se, em uma cidade, uma casa incendiasse e ninguém combatesse o fogo, deixando que toda a cidade fosse consumida. Aí diriam: Se Deus quiser, vai proteger a cidade sem água e combate às chamas. Não faça assim, caro amigo, isso não está bem! Pelo contrário, recorra à medicina e aos remédios, usa o que pode te ajudar. Fumiga a casa, o pátio e a rua. Evita pessoas e lugares, se teu próximo não carecer de ajuda e estiver recuperado. Apresenta-te como quem quer apagar um incêndio coletivo. Que é a peste senão um fogo que devora, não madeira e palha, mas corpos e vidas? Pensa da seguinte maneira: Está bem, o inimigo nos enviou por consentimento de Deus veneno e enfermidade mortal! Por isso, vou pedir a Deus, que nos seja misericordioso e nos proteja. Em seguida, irei fumigar, ajudar a purificar o ar, distribuir e usar medicação. Vou evitar lugares e pessoas que não precisam de mim para que eu próprio não me degrade e além disso talvez venha a envenenar e infectar a muitos por causa de minha negligência, causando sua morte.¹⁸

Quem age de modo arbitrário e deliberadamente temerário deve ser levado ao carrasco:

Além disso, há alguns ainda piores. Que contraem a peste, guardam segredo e vão ao encontro das pessoas, com a crença de que se puderem contaminar e envenenar outras pessoas, irão se livrar da peste e ficar saudáveis. Por isso, vão para a rua e nas casas a fim de enterrar os outros, seus filhos e empregados, querendo salvar-se com isso. Quero crer que o diabo age aqui e gira a manivela para que isso aconteça. Também me contaram que alguns são tão desesperadamente malignos, que, uma vez tomados pela peste, circulam entre as pessoas e nas casas, porque lamentam que a peste ainda não está ali. Querem transmiti-la justamente como se fosse uma brincadeira de mau gosto, como quando são postos piolhos em um pelego ou moscas na sala de estar. Não sei se devo acreditar nisso. Se for verdade, então tenho dúvidas se nós, alemães, somos humanos ou diabos. [...] Meu conselho, caso sejam encontradas pessoas assim, é que o juiz as leve pelas orelhas até

¹⁸ Das sey gesagt zur vermanung und trost widder das schendliche fliehen und schrecken, da mit der teuffel uns anfight, widder Gotts wort und gebot zu thun an unserm nehesten und fundigen alzu seer auff der lincken seitten. Widderumb sundigen ettliche alzu seer auff die rechten seyten und sind alzu vermessen und keck, also das sie Gott versuchen und lassen alles anstehen, da mit sie dem sterben odder Pestilentz weren solten, verachten ertzney zu nemen und meyden nicht stete und person so die Pestilentz gehabt und auffkomen sind, Sondern zechen und spielen mit yhn, wollen damit yhre freydickeit beweisen und sagen, Es sey Gotts straffe, wolle er sie behueten, so wird ers wol thun on alle ertzney und unsern vleis. Solchs heist nicht Gott trawen, sondern Gott versuchen. Denn Gott hat die ertzney geschaffen und die vernunfft gegeben, dem leibe fur zustehen und sein pflegen, das er gesund sey und lebe. Wer derselbigen nicht braucht, so er wol hat und kan on seines nehesten schaden, der verwarloset seinen selbs und sehe zu, das er nicht sein selbs moerder erfunden werde fur Gott. [...] Zu dem ist das noch grewlicher, das ein solcher so seinen leib also verwarloset und der Pestilentz nicht hilfft weren, so viel er kan, mochte damit auch viel ander beschmeissen und vergifften, welche sonst wol lebendig blieben, wo er seines leibs (wie er schuldig ist) hette gewartet, und wurde also auch schuldig seines nehesten todes und viel mal fur Got ein moerder. Fur war, solche leute sind gerade als wenn ein haus ynn der stad brennete, dem niemand werete, sondern liesse dem fewr rawm, das die gantze stad verbrennete, und wolte sagen: Wils Gott thun, so wird er die stad wol on wasser und leschen behueten. Nicht also, meine lieben freunde, das ist nicht fein gethan: sondern brauche der ertzney, nym zu dir was dich helffen kan, reuchere haus, hoff und gassen, meyde auch person und stet, da dein nehester dein nichts bedarff odder auffkomen ist, und stelle dich als einer, der ein gemein seur gerne wolt helffen dempfen. Denn was ist die Pestilentz anders denn ein feur, das nicht holtz und stro, sondern leib und leben auffrisset. Und dencke also: Wolan der feind hat uns durch gotts verhengnis gifft und toedliche geschmeis herein geschickt, so wil ich bitten zu Gott, das er uns gnedig sey und were. Darnach wil ich auch reuchern, die lufft helffen fegen, ertzney geben und nemen, meiden stet und person, Da man mein nichts darff, auff das ich mich selbs nicht verwarlose und dazu durch mich villeicht viel andere vergifften und anzunden moechte und yhn also durch meine hinlessickeit ursach des todes sein. LUTHER, Martin. Ob man vor dem Sterben fliehen möge. In: D. MARTIN LUTHERS WERKE: kritische Gesamtausgabe. Bd. 23 Weimar, 1883, p. 363-367.

*o mestre João [i.e., o carrasco], como legítimas assassinas dolosas e malignas. Que são tais pessoas senão legítimas assassinas dissimuladas em meio à cidade?*¹⁹

O isolamento se faz necessário, sendo justificado por Lutero com base em exemplos bíblicos de práticas e medidas associadas à prevenção e tratamento da lepra, segundo os parâmetros da época:

*O próprio Deus ordenou no Antigo Testamento (Levítico 13) que os leprosos sejam retirados da coletividade e assentados fora da cidade, a fim de evitar a contaminação. Da mesma forma, devemos agir com essa perigosa doença. Assim, se alguém a pegar, que o quanto antes se isole das pessoas ou se deixe isolar para ser tratado com a medicina. A pessoa deve ser auxiliada e de modo algum abandonada na necessidade, como foi suficientemente exposto acima. Deste modo o veneno é abafado separadamente, não só em benefício de uma única pessoa, mas de toda a coletividade, que poderia ser contaminada pelo surto da doença. Aqui em Wittenberg, nossa pestilência até o momento somente chegou pelo contágio. O ar, graças a Deus, ainda está fresco e puro. Contudo, alguns poucos foram contaminados por pura esperteza metida a besta e por negligência. Ainda assim, o diabo segue com a sua brincadeira alegre de nos aterrorizar e fazer fugir. Deus nos proteja! Amém.*²⁰

Ao final do escrito, Lutero aborda a assistência espiritual no contexto da peste. Nas igrejas, o povo deveria buscar instrução na palavra de Deus, sobre como viver e morrer. Quem vive rejeitando a fé cristã deveria ser assistido espiritualmente, pois, em caso de doença, pode vir a mostrar arrependimento. Compõem a preparação para a morte a confissão, a ministração do sacramento, a reconciliação com o próximo e a escrita do testamento. É impossível que capelães e párocos concedam a comunhão a todos os doentes (Figura 5). A visita a um enfermo deveria ser solicitada quando este ainda está consciente. Do contrário, a mera execução de rituais junto ao leito de morte pouco ou nada traz ao moribundo:

¹⁹ Über das sind etliche noch erger: welche so die Pestilentz heymlich haben, unter die leute ausgehen und haben solchen glauben, wo sie anderleute kundten damit beschmeissen und vergifften, so wurden sie der selbigen los und gesund, gehen also ynn solchem namen beide auff gassen und ynn heuser, das sie die Pestilentz wollen andern odder yhren kindern und gesinde an den hals hengen und sich damit erretten. Und wil wol gleuben, das der teuffel solchs thu und helffe also das redlin treiben, das es also gehe und geschehe. Auch las ich mir sagen, das etliche so verzweiffelt boshafftig sind, das sie mit der Pestilentz alleine darumb unter die leute odder ynn die heuser lauffen, das yhn leyd ist, das die Pestilentz nicht auch da ist, und wollen sie dahin bringen, gerade als were diese sache ein solcher schertz, als wenn man yemands zur schalckheit leuse ynn pelttz odder fliegen ynn die stuben setzet. Ich weis nicht, ob ichs gleuben sol: Ists war, so weis ich nicht, ob wir deuschen menschen odder selbs teuffel sind. [...] Aber mein rad were, wo man solche funde, das sie der richter beym kopffe neme und uberantwortet sie Meister Hansen als die rechten mutwilligen moerder und boesewichter. Was sind solche leute anders denn rechte meuchelmorder ynn der stad? LUTHER, Martin. Ob man vor dem Sterben fliehen möge. In: D. MARTIN LUTHERS WERKE: kritische Gesamtausgabe. Bd. 23 Weimar, 1883, p. 367-369.

²⁰ Hat nu [3. Mose 13 f.] Gott selbs ym alten Testament befohlen, die aussetzigen aus der gemeine zu thun und aussen fur der stad zu wonen, umb das geschmeys zuvermeyden, So sollen wir ja viel mehr also thun ynn diesen ferlichen geschmeis, das so sie yemand kriegt, sich als balde von den leuten selbs thu odder thun lasse, und flux mit ertzney huelle gesucht. Da sol man yhm helfen und ynn solcher not nicht lassen, Wie ich droben genugsam habe angezeigt, auff das also die giff bey zeit gedempfft werde, nicht alleine der einigen person, sondern der ganzen gemeyne zu gut, welche dadurch mocht vergifft werden, so man sie liesse so ausbrechen und unter ander komen. Denn also ist itzt unser Pestilentz hie zu Wittemberg alleine aus geschmeysse herkomen, Die lufft ist Gott lob noch frisch und rein, Aber aus lauter thumkuenheit und verseumunge hat sie etliche und der wenig vergifft. Wie wol der teuffel sein freuden spiel hat mit dem schrecken und fliehen so er unter uns treibt. Gott wolt yhm weren AMEN. LUTHER, Martin. Ob man vor dem Sterben fliehen möge. In: D. MARTIN LUTHERS WERKE: kritische Gesamtausgabe. Bd. 23 Weimar, 1883, p. 369-371.

Em primeiro lugar, deve-se exortar o povo para que vá à igreja ouvir a pregação, aprender da palavra de Deus como devem viver e morrer. [...] Em segundo lugar, cada qual se antecipe e prepare para a morte, confessando-se e recebendo o Sacramento a cada oito ou quatorze dias, reconcilie-se com o próximo e faça seu testamento. Assim, se o Senhor bater à porta e as coisas se precipitarem, mesmo não havendo tempo suficiente para uma visita do pároco ou do capelão, a alma será assistida, não negligenciada e encomendada a Deus.[...]

Em terceiro lugar, se for desejada a presença do capelão ou cura d'almas, que isso logo seja requisitado, ou se deixe momentaneamente o enfermo sozinho e avise logo no início, antes que a doença tome conta e enquanto houver consciência e entendimento. Digo isso, pois há alguns tão negligentes, que não requisitam o pároco ou avisam até que se esteja com um pé na cova, não sendo mais possível conversar ou fazer algum uso de entendimento. Aí pedem: "Caro senhor, diga para ele as melhores coisas, etc." Antes, porém, quando a doença começou, não queriam ser visitados, mas diziam: "Não precisa! Logo vai melhorar!" Que deve fazer um pároco justo com gente assim, que não se preocupa com o corpo e nem com a alma? Vivem e morrem como bichos. Para gente assim somente no instante derradeiro há ocasião para anunciar o Evangelho e ministrar o Sacramento, exatamente como estavam acostumados sob o papado. Ninguém perguntava, se tinham fé ou conheciam o Evangelho, mas se enfiava o Sacramento goela abaixo como se faz em um saco de pão. Assim não deve ser entre nós! Do contrário, a quem não quiser falar ou mostrar (especialmente quando o negligenciou deliberadamente) como crê no Evangelho e no Sacramento, compreende e anseia, não ministraremos de qualquer jeito. Pois nos foi ordenado distribuir o Santo Sacramento não aos incrédulos, mas aos crentes, que podem falar e confessar a sua fé.²¹

Neste trecho do panfleto, Lutero resume elementos que havia desenvolvido detalhadamente em outro panfleto, de 1519, intitulado Um sermão sobre a preparação para a morte.²² Ali, caracterizou a morte como uma despedida deste mundo e de todos os seus afazeres, o que demandaria da parte da pessoa dispor com clareza e ordenar seus bens

²¹ Erstlich sol man das volck vermanen, das sie zur kirchen ynn die predigt gehen und hoeren, das sie lernen Gotts wort, wie sie leben und sterben sollen. [...] Zum andern das ein iglicher sich selbs zeitlich schicke und zum sterben bereite mit beichten und Sacrament nemen alle acht tage odder vierzehnen tage ein mal, versune sich mit seinem nehesten und mache sein Testament, auff das, ob der Herr anklopffet und er ubereilet wuerde, ehe denn Pfarher odder Caplan dazu komen kundten, er gleichwol seine seele versurget und nicht verseumet, sondern Gotte befolhen habe. [...] Zum dritten Wenn man aber ja der Caplan odder seel sorger begerd, das man sie foddere odder lasse die krancken ansagen bey zeit und ym ansange, ehe die kranckheit uberhand nympt und noch synn und vernunfft da ist. Das sage ich darumb: Denn es sind ettliche so verseumlich, das sie nicht ehe lassen foddern odder ansagen, bis die seel auff der zungen sitzt und sie nicht mehr reden können und wenig vernunfft mehr da ist. Da bitten sie denn: 'Lieber Herr, sagt yhm das beste fur' etc. Aber vorhin, wenn die kranckheit anfeheth, wundschten sie nicht, das man zu yhm keme, sondern sprechen: 'Ey Es hat nicht not, Ich hoffe, es sol besser werden'. Was sol doch ein frumer Pfarher mit solchen leuten machen, die widder fur leib noch seele sorgen? leben und sterben dahin wie ein viech: solchen sol man denn ym letzten augenblick das Euangelion sagen und das Sacrament reichen, gleich wie sie unter dem Bapstum gewonet sind, da niemand gefragt hat, ob sie gleuben odder das Euangelion wissen, sondern das Sacrament ynn den hals gestossen als ynn einen brodsack. Nicht also, Sondern Welcher nicht reden odder zeichen geben kan (sonderlich so ers so mutwilliglich verseumet), wie er das Euangelion und Sacrament glaube, verstehe und begere, so wollen wir es yhm nichts ublich reichen. Denn uns ist befolhen, das heilige Sacrament nicht den ungleubigen, sondern den gleubigen zu reichen, welche yhren glauben sagen und bekennen muegen. LUTHER, Martin. Ob man vor dem Sterben fliehen möge. In: D. MARTIN LUTHERS WERKE: kritische Gesamtausgabe. Bd. 23 Weimar, 1883- , p. 371-373.

²² LUTERO, Martinho. Um sermão sobre a preparação para a morte. In: LUTERO, Martinho. *Obras selecionadas: os primórdios – escritos de 1517 a 1519*. São Leopoldo; Porto Alegre, 1987. v. 1, p. 386-398.

temporais, a fim de que os sobreviventes não estejam sujeitos a mal-entendidos e a discórdias. Tal despedida corporal ou exterior seria acompanhada por uma despedida, chamada por Lutero de espiritual, que corresponderia à busca ativa por reconciliação com as pessoas do próprio círculo de relacionamento. Como experiência pessoal mais marcante nesta prática cultural do morrer, a exclusão da dúvida quanto a estar sozinho neste momento. A prática sacramental teria a importância de revelar ao moribundo que muitos olhares estão direcionados a ele: de Deus, de Cristo, dos anjos, da comunhão dos santos e das pessoas de seu círculo familiar e de amizade. Em uma circunstância marcada por epidemia, na qual a morte é inesperada e iminente, tanto mais seria necessário que familiares, vizinhos e ministros religiosos agissem com prontidão, a fim de que nos derradeiros momentos de vida não prevaleça o sentimento de abandono e solidão.

Figura 5. Lutero prestando assistência e dando o sacramento a enfermos da peste. Gravura do artista Gustav König, publicada em *Dr. Martin Luther, der deutsche Reformator. In bildlichen Darstellungen.* Stuttgart, 1857, que dá relevo junto ao público leitor de meados do século XIX, em especial crianças e jovens, à postura e às práticas de Lutero em situações de epidemia como sendo um marco em sua biografia



FONTE: [Meine Kirchenzeitung](#)

Em 1520, por sua vez, em *Do cativeiro babilônico da Igreja – um prelúdio*,²³ Lutero polemiza contra a estrutura sacramental eclesiástica de seu tempo, incluindo uma crítica à compreensão e à prática correntes do sacramento da extrema unção. Ele argumenta que a unção não é sacramento, que é falsamente compreendida e praticada como extrema unção,

²³ LUTERO, Martinho. *Do cativeiro babilônico da Igreja – um prelúdio*. In: LUTERO, Martinho. *Obras selecionadas: o programa da Reforma – escritos de 1520*. São Leopoldo; Porto Alegre, 1989, v. 2, p. 343-433.

já que não corresponderia de forma alguma à intenção de seus textos bíblicos fundantes, Tiago 5.14-16 e Marcos 6.13. Se a unção fosse um sacramento, deveria ser um sinal eficaz do que com ela é referido e prometido. O papado estaria contradizendo a opinião do apóstolo Tiago ao transformar o rito – por si mesmo um conselho – em uma unção especial e “extrema”. Conforme Lutero, ele não queria que fosse uma unção derradeira, administrada apenas aos moribundos, pois se refere à circunstância em que alguém esteja enfermo e obrigatoriamente prestes a morrer. O apóstolo teria ordenado ungir e orar para que o enfermo sare e melhore e não para que morra. A unção de pessoas enfermas, o ritual e as orações, pertenceriam ao cotidiano da existência cristã, não devendo ser abolida em razão de práticas abusivas. Conforme Lutero, seria a fé da pessoa ungida, à qual nasce do ouvir a palavra de Deus, aquela a ter função decisiva para que seja vivenciada a experiência da cura (Rieth, 2003, p. 10-12):

Porque estamos neste assunto, relacionado à morte, não posso deixar de falar do sepultamento. Primeiramente, deixo para os doutores da medicina e a todos, que possuem melhor experiência, que julguem se há risco ou não em ter cemitérios em meio à cidade. Pois não sei e não domino o conhecimento, se das sepulturas é exalado vapor ou emanação, que venha a empestar o ar. Se for o caso, tendo por referência as advertências anteriormente mencionadas, há razão suficiente para manter o cemitério fora da cidade. Como ouvimos, todos somos responsáveis pela prevenção contra o veneno, cada qual como puder. Porque Deus ordenou que, quando ele não nos puser em necessidade, cuidemos de nosso corpo, que o poupemos e conservemos. Por outro lado, Deus ordenou que confiadamente coloquemos o corpo em risco, se a necessidade assim o exigir. Assim, conforme a sua vontade, devemos estar preparados para viver e para morrer [Romanos 14.7]. [...] Assim, tendo esses exemplos por referência, meu conselho seria transferir os cemitérios para além dos limites da cidade. E, mesmo que tenhamos um cemitério aqui em Wittenberg, não só a necessidade, mas também a devoção e o respeito deveriam levar a que fosse construído um cemitério fora da cidade. É condizente com um cemitério que o lugar seja distinto, silencioso e separado de todos os outros espaços, aonde se possa ir e permanecer com devoção para lá contemplar a morte, o juízo final, a ressurreição e orar. Deveria ser um lugar honrado, quase igual a um lugar santo, onde se pudesse ir com veneração, pois sem dúvida alguns santos lá estão sepultados. Ao redor, nos muros, poderiam ser pintadas imagens e pinturas que despertem a meditação. Nosso cemitério, no entanto, o que é? Um espaço formado por quatro ou cinco vielas, dois ou três mercados, de modo que não existe na cidade nenhum lugar mais aberto e ruidoso do que o cemitério, onde circulam cotidianamente, sim, dia e noite, tanto pessoas, como animais. A partir de sua casa, todos têm uma porta ou viela que leva até ele, vindo a acontecer lá coisas indizíveis. Deste modo, portanto, a devoção e o respeito devidos aos jazigos são totalmente anulados. Não há a menor consideração, como se caminhassem por um abatedouro. Nem mesmo os turcos manteriam o lugar sujeito a tamanha desonra, em

*comparação com o que nós fazemos.*²⁴

Lutero aborda uma possível providência que, ao lado das medidas de isolamento e distanciamento, talvez tenha sido das mais efetivas para a redução dos surtos de peste nas cidades europeias posteriormente: o saneamento de modo geral e as medidas específicas em cemitérios. Ele recomenda que o campo santo seja transferido para além dos limites da cidade de Wittenberg. Medidas sanitárias deveriam ter máxima prioridade. Lutero conhecia a prática, usual em muitas cidades desde a Idade Média, pela qual, em situações de surtos epidêmicos, um cemitério da peste (Pestfriedhof) era estabelecido em um terreno externo, afastado do centro das aldeias ou da cidade.

Os muros do cemitério, por sua vez, deveriam ser decorados com imagens que trouxessem inspiração e apoiassem a devoção por parte dos frequentadores. Assim, Lutero reforçava uma posição defendida por ele para Wittenberg – e para o movimento protestante como um todo – acerca do valor instrucional e pedagógico das imagens. Entre 1521 e 1522, quando ele estava ausente, refugiado na fortaleza de Wartburg, um grupo assumiu o comando do movimento da Reforma na cidade e tratou de promover mudanças radicais, que buscaram impor pela força. Um dos líderes deste movimento, André Bodenstein de Karlstadt, publicou um panfleto no qual defendia a eliminação das imagens em prédios eclesiásticos. Incluiu a mesma diretriz em um novo estatuto municipal, prevendo a retirada de imagens das igrejas. A cidade foi atingida por uma onda de iconoclasmo. Igrejas e capelas foram invadidas, imagens e altares passaram a ser destruídos. Lutero considerou essa atitude incompatível com o movimento da Reforma e o modo de levá-lo às pessoas, de forma a preservar suas consciências. Além disso, ela colocaria no centro algo cujo significado para ele não era fundamental na prática de fé. Quando não mais dominam a consciência das pessoas, as imagens não poderiam trazer prejuízos. Liderou a repressão ao movimento radical e, dentre outras propostas, a manutenção das imagens, sendo retiradas posteriormente sem alvoroço, apenas aquelas que fossem ofensivas à legitima veneração pelos fiéis (Rieth, 2000, p. 834).

²⁴ Weil wir aber ynn diese sache komen sind, vom sterben zu reden, kan ichs nicht lassen, auch von dem begrebnis etwas zu reden. Auffs erst las ich das die Doctores der ertzney urteilen und alle die des bas erfahren sind, obs ferlich sey, das man mitten ynn stedten kirchhofe hat. Denn ich weis und verstehe mich nichts drauff, ob aus den grebern dunst odder dampff gehe, der die lufft verruecke. Wo dem aber also were, so hat man aus obgesagten warnungen ursachen gnug, das man den kirchhoff ausser de stad habe. Denn wie wir gehort haben, Sind wir allesamt schueldig der gifft zu weren, wo mit man vermag, Weil Gott uns befolhen hat, unsers leibs also zu pflegen, das wir sein schonen und warten, so er uns nicht not zuschickt: und widerumb auch denselbigem getrost wagen und auff setzen, wo es die not foddert, auff das wir damit beide zu leben und zu sterben seinem willen bereit sein [Röm. 14, 7]. [...] Darumb mein rat auch were, solchen exempeln nach das begrebnis hinaus fur die stad machen. Und zwar als wir hie zu Wittemberg einen kirchhoff haben, solte uns nicht alleine die not, sondern auch die andacht und ehrbarkeit dazu treiben, ein gemein begrebnis aussen fur der stad zu machen. Denn ein begrebnis solt ja billich ein feiner stiller ort sein, der abgesondert [29] were von allen oerten, darauff man mit andacht gehen und stehen kuentde, [30] den tod, das Juengst gericht und auferstehung zu betrachten und betten, also [31] das der selbige ort gleich eine ehrliche, ja fast ein heilige stete were, das [32] einer mit furcht und allen ehren drauff kundte wandeln, weil on zweifel [33] etliche heiligen da liegen. Und daselbst umbher an den wenden kund man [34] solche andechtig bilder und gemelde lassen malen. [...] Aber unser Kirchhoff, was ist er? vier odder funff gassen und zween [2] odder drey marckt ist er, das nicht gemeiner odder unstillter ort ist ynn der [3] gantzen stad denn eben der kirchhoff, da man teglich, ja tag und nacht uber [4] leufft, beyde menschen und viehe, und ein iglicher aus seinem hause eine thuer [5] und gassen drauff hat, und allerley drauff geschicht, villeicht auch solche stuecke, [6] die nicht zu sagen sind. Dadurch wird denn die andacht und ehre gegen die [7] begrebnis gantz und gar zu nicht und helt yderman nicht mehr davon denn [8] als wenn yemand uber einen schindenleich lieffe, das der Tuercke nicht so [9] unerhlich kuentde den ort halten, als wir yhn halten. LUTHER, Martin. Ob man vor dem Sterben fliehen möge. In: D. MARTIN LUTHERS WERKE: kritische Gesamtausgabe. Bd. 23 Weimar, 1883- , p. 371-373.

Considerações finais

Surtos epidêmicos estiveram indissociavelmente ligados ao cotidiano das pessoas, há meio milênio. Conhecimentos médicos e ideias religiosas combinavam-se, de modo estreito, para subsidiar o conjunto de representações produzidas em torno de doença, contágio, prevenção, tratamento, convalescença, morte e sepultamento. Estas representações constituíam processos identitários muito dinâmicos, articulados a pedagogias e práticas culturais que impactavam profundamente os sentidos produzidos pelas pessoas em relação a seus próprios corpos e aos corpos de seus contemporâneos. Panfletos da peste constituíram artefatos importantes para analisar tais representações e pedagogias. A leitura de suas narrativas e a contemplação de suas imagens permite observar o quanto processos associados à renascença, ao humanismo renascentista e às reformas religiosas, a exemplo da protestante, incidiram em termos de rupturas e continuidades nas representações e pedagogias associadas ao corpo sob o flagelo da peste.

Lutero foi o intelectual mais publicado na primeira metade do século XVI. Suas ideias e posições tiveram grande alcance e repercussão. Como teólogo, professor universitário e sacerdote, foi formador de opinião em relação a temas variados e vinculados a diferentes âmbitos, para além do religioso, acadêmico e teológico. Com frequência, foi instado a abordar em seus escritos questões políticas, sociais, militares, econômicas e educacionais. As novas mídias, decorrentes do revolucionário desenvolvimento da imprensa de tipos móveis, aportaram significativamente para tal objetivo. Como principal liderança do movimento da Reforma em seus inícios, ele estendeu sua influência para muito além da cidade de Wittenberg.

É permitido fugir do risco de morte?, publicado em novembro de 1527, resultou de uma demanda de lideranças de uma das mais importantes e populosas cidades da Europa central, Breslau, na Baixa Silésia, que vinha sendo assolada por um surto de peste. O processo de redação do escrito, por Lutero, teve duração de diversos meses, uma vez que as circunstâncias o forçaram a repetidas interrupções. Coincidentemente, essas interrupções foram em grande parte devidas a um surto epidêmico que atingiu a população de Wittenberg, cidade em que ele atuava na universidade como professor e, na paróquia, como pregador e cura d'almas. Assim, trata-se de um escrito formulado por um intelectual diretamente envolvido em um contexto imediato de práticas culturais associadas aos medos e horrores de uma epidemia, e dirigido a destinatários sujeitos a medos e horrores muito semelhantes.

Ao longo do texto, Lutero não se limitou a responder à questão proposta no título do panfleto, relacionada à prática – por sinal bastante recomendada – de fugir de lugares assolados por surtos epidêmicos até que estes se extinguissem. Para além, buscou apresentar, descrever, problematizar e analisar diferentes práticas culturais verificadas em situações de epidemia, tendo por referência sua experiência pregressa e, especialmente, as vivências de enfrentamento da peste ao longo do segundo semestre de 1527, em Wittenberg. Empregou recursos hermenêuticos que já utilizara em textos anteriores, nos quais discutira dilemas éticos vinculados a questões políticas e sociais: a distinção entre os governos secular e espiritual e os conceitos de estamento e vocação. Da mesma forma, explorou a distinção e a tensão entre

pares de conceitos, tais como lei e evangelho, fé e obras, ou fé e amor, para problematizar a formulação de juízos éticos pertinentes na rejeição, confirmação ou fundamentação de práticas culturais sob as circunstâncias de uma epidemia. Ainda que representando e liderando com destaque um movimento de contestação e ruptura nas instituições do Ocidente cristão, sua forma de abordar razões, enfrentamento e consequências de uma epidemia mostra-se firmemente ancorada na tradição bíblica e eclesial.

O conteúdo ético de panfletos da peste, a exemplo de *É permitido fugir do risco de morte?*, ao lado de articular discursos médicos e religiosos, é rico na formulação e proposição de práticas de si, associadas ao cuidado de si. Estas buscam produzir um sujeito que conheça e dirija o olhar a si próprio, reconheça os próprios limites e liberte-se do domínio de si mesmo e dos outros, fundamentando a liberdade para o exercício ético e político. O cuidado de si vincula-se a práticas de liberdade no cotidiano, ao exercício da política e à transformação do sujeito pela composição de modos de vida e regramento de condutas, refletidos no diálogo que se dá entre autores, leitores e ouvintes dos panfletos, em meio a corpos pesteados e almas quebrantadas.

Referências Bibliográficas

ANDRADE, Paula Deporte de; COSTA, Maria Vorraber. Usos e possibilidades do conceito de pedagogias culturais nas pesquisas em estudos culturais em educação. *Revista Textura*, Canoas, v. 17, n. 34, p. 48-63, 2015. Disponível em: <http://www.periodicos.ulbra.br/index.php/txra/article/view/1501>. Acesso em: 15 jun. 2020

ARNDT, Erwin; BRANDT, Gisela. *Luther und die deutsche Sprache: wie redet der Deutsche man jnn solchem fall?* 2. Aufl. Leipzig: VEB Bibliographisches Institut, 1987. 231 p.

BEYER, Michael. Luthers Ekklesiologie. In: JUNGHANS, Helmar (ed.). *Leben und Werk Martin Luthers von 1526 bis 1546*. Festgabe zu seinem 500. Geburtstag. Göttingen: Vandenhoeck & Ruprecht, 1983. p. 93-117.

BRECHT, Martin. *Martin Luther: Ordnung und Abgrenzung der Reformation 1521-1532*. Berlin: EVA, 1989. 517 p.

BULST, Neithard. Die Pest verstehen: Wahrnehmungen, Deutungen und Reaktionen im Mittelalter und in der Frühen Neuzeit. In: GROH, Dieter; KEMPE, Michael; MAUELSHAGEN, Franz (ed.). *Naturkatastrophen: Beiträge zu ihrer Deutung, Wahrnehmung und Darstellung in Text und Bild von der Antike bis ins 20. Jahrhundert*. Tübingen: Gunter Narr Verlag, 2003. p. 145-163.

CUNNINGHAM, Andrew; GRELL, Ole Peter. *The four horsemen of the Apocalypse: religion, war, famine and death in Reformation Europe*. Cambridge: Cambridge University Press, 2000. 376 p.

DELUMEAU, Jean. *História do medo no Ocidente 1300-1800: uma cidade sitiada*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009. 693 p.

DINGES, Martin; SCHLICH, Thomas (ed.). *Neue Wege in der Seuchengeschichte: Medizin, Gesellschaft und Geschichte*. Jahrbuch des Instituts für Geschichte der Medizin der Robert



Bosch Stiftung, Stuttgart: Franz Steiner Verlag, 1995. 251 p.

DOUGLAS, Mary. *Pureza e perigo: ensaio sobre a noção de poluição e tabu*. Rio de Janeiro: Edições 70, 1991. 136 p.

DROSS, Fritz. Vergesellschaftung unter Ansteckenden – für eine Körpergeschichte der Seuche. *NTM Zeitschrift für Geschichte der Wissenschaften, Technik und Medizin*, Heidelberg, v. 28, p. 195–202, mai. 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.1007/s00048-020-00253-9>. Acesso em: 15 jun. 2020.

FEUERSTEIN-HERZ, Petra. *Gotts verhengnis und seine strafe: Zur Geschichte der Seuchen in der Frühen Neuzeit*. Ausstellung in der Herzog August Bibliothek 14. Aug. bis 13. Nov. 2005, Wolfenbüttel. Disponível em: <https://www.hab.de/ausstellungen/seuchen/expo-4.htm> Acesso em: 10 jun. 2020.

FOUCAULT, Michel. *Ditos & escritos V: Ética, sexualidade, política*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006. 392 p.

FOUCAULT, Michel. *A hermenêutica do sujeito*. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2010. 528 p.

GUDERMANN, Rita. Miasmen. In: JAEGER, Friedrich (Hg.). *Enzyklopädie der Neuzeit*. Stuttgart: Metzler, 2008. Bd. 8: Manufaktur – Naturgeschichte. p. 474–481.

HENDERSON, John. *Florence under siege: surviving plague in an early modern city*. London: Yale University Press, 2019. 352 p. <https://doi.org/10.12987/yale/9780300196344.001.0001>.

HORANIN, Mariusz. *Die Pest in Augsburg um 1500: die soziale Konstruktion einer Krankheit*. 2019. Dissertation (Doktorat in Philosophie) – Philosophische Fakultät der Georg-August-Universität, Göttingen, 2019. 226 p. Disponível em: <http://hdl.handle.net/11858/00-1735-0000-002E-E61D-4>. Acesso em: 15 maio 2020.

JUNGHANS, Helmar. *Martin Luther und Wittenberg*. München: Koehler & Amelang, 1996. 222 p.

MARR, Jan. *Kriege und Seuchen*. Spätmittelalterliche Katastrophen und ihre Reflexion in den deutschen Einblattdrucken von 1460 bis 1520. Trier, 2010. Dissertation (Doktorat in Philosophie) - Fachbereich III der Universität Trier, Trier, 2010, 368 p. Disponível em: https://ubt.opus.hbz-nrw.de/opus45-ubtr/frontdoor/deliver/index/docId/381/file/KriegeSeuchen_online.pdf. Acesso em: 16 jun. 2020

MAUELSHAGEN, Franz. Pestepidemien im Europa der Frühen Neuzeit (1500-1800). In: MEIER, Mischa (ed.). *Pest: die Geschichte eines Menschheitstraumas*. Stuttgart: Klett-Cotta, 2005. p. 237-265.

MÜHLE, Eduard. *Breslau: Geschichte einer europäischen Metropole*. Köln: Böhlau, 2015. 400 p. <https://doi.org/10.7788/9783412502652>.

RIETH, Ricardo W. André Osiander e o infanticídio em Pösing: alternativa no mundo anti-semita da Reforma? *Estudos Teológicos*, São Leopoldo, v. 33, p. 63–73, 1993. Disponível em: http://est.com.br/periodicos/index.php/estudos_teologicos/article/view/930. Acesso em: 12 jun. 2020.

RIETH, Ricardo W. A Reforma, os santos e a religião do povo na América Latina. *Revista*

Eclesiástica Brasileira, Petrópolis, v. 240, p. 831-851, nov. 2000.

RIETH, Ricardo W. Cruz e cura na teologia e na poimênica de Lutero. *Estudos Teológicos*, São Leopoldo, v. 43, p. 7-20, 2003. Disponível em: http://www.est.com.br/periodicos/index.php/estudos_teologicos/article/view/593. Acesso em: 12 jun. 2020.

SCHIPPERGES, Heinrich. *Der Garten der Gesundheit: Medizin im Mittelalter*. München, 1990. 279 p.

SENNETT, Richard. *Carne e pedra*. Rio de Janeiro: Bestbolso, 2008. 417 p.

SUDHOFF, Karl. Pestschriften aus den ersten 150 Jahren nach der Epidemie des "schwarzen Todes" 1348. *Archiv für Geschichte der Medizin*, v. 17, n. 5/6, p. 241-291, 1925. Disponível em: <http://www.jstor.org/stable/20773342>. Acesso em: 20 jun. 2020.

WOLF, Herbert. *Martin Luther: eine Einführung in germanistische Luther-Studien*. Berlin: Evangelische Verlagsanstalt, 1983. 178 p.

Recebido em: 29 de setembro de 2020

Aprovado em: 22 de janeiro de 2021

